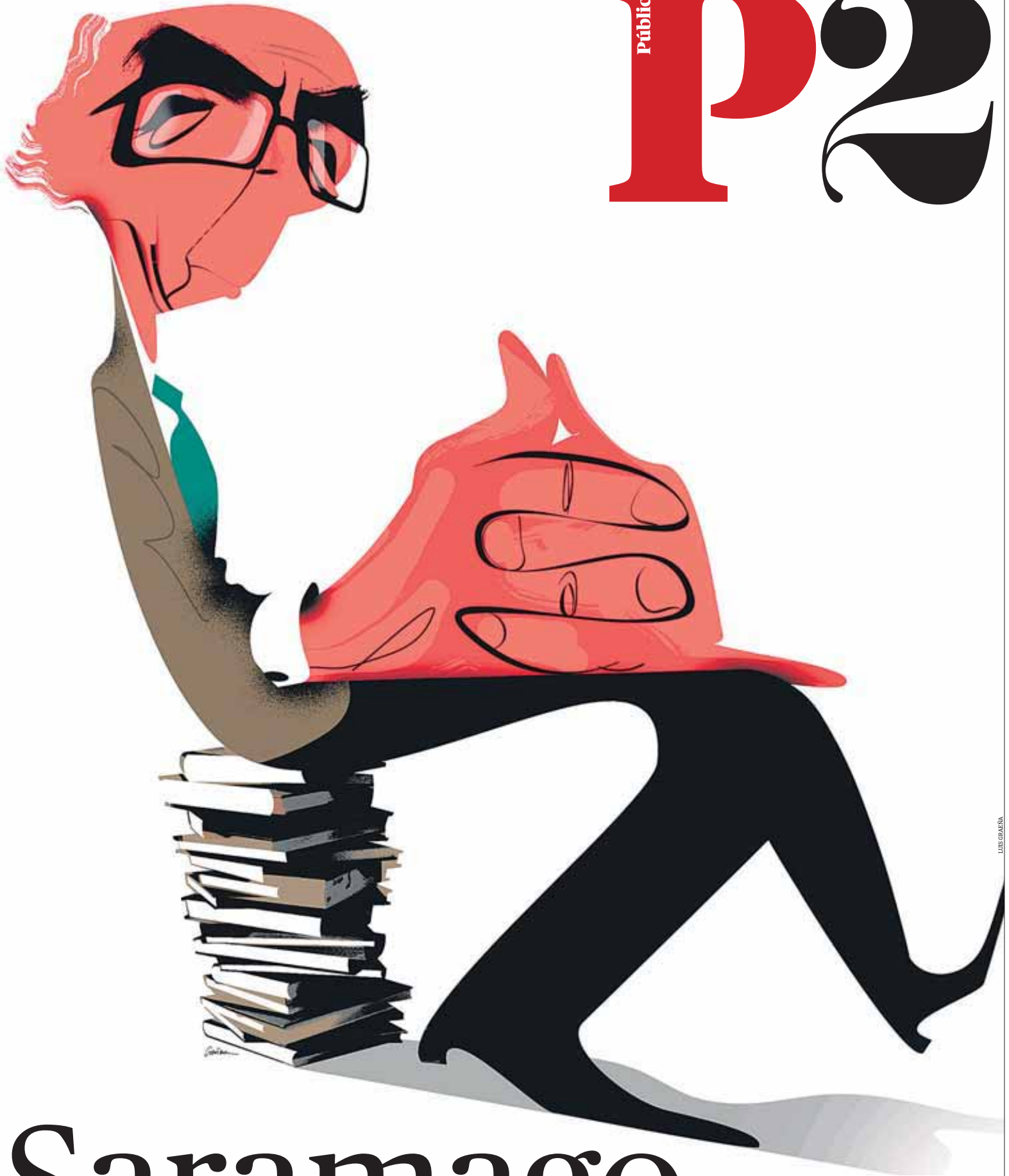


Público
P2



Saramago.

Participaram neste P2:

Adelino Gomes
 Ana Saramago Matos
 António Júlio Duarte
 António Pinho Vargas
 Baptista-Bastos
 Carlos Pinto Coelho
 Carlos Reis
 Dario Fo
 David Leavitt
 Duarte Belo
 Fernando Gómez Aguilera
 Fernando Meirelles
 Gonçalo M. Tavares
 Harold Bloom
 Helder Macedo
 Hélia Correia
 João Abel Manta
 João Brites
 José Sucena
 José Tolentino Mendonça
 Júlio Pomar
 Luísa Ferreira
 Luiz Schwarcz
 Manuel Gusmão
 Manuel Vicente
 Maria Alzira Seixo
 Mia Couto
 Miguel Gonçalves Mendes
 Miguel Jesus
 Nuno Júdice
 Pedro Cabrita Reis
 Tiago Saramago Matos
 valter hugo mãe
 Violante Saramago Matos
 Zeferino Coelho



José Saramago
 no Verão de
 1941. Arquivo
 Fundação José
 Saramago

Para Saramago

● É com um poema que José Saramago escreveu para a sua mulher, Pilar del Río, marcando o dia em que se conheceram, que começamos este P2 dedicado ao escritor: "Não digamos palavras, suspiremos apenas / Porque o tempo nos olha." Como olham para Saramago (Azinhaga, Golegã, 16 de Novembro de 1922 - Tías, Lanzarote, 18 de Junho de 2010) todos os que aceitaram participar neste número especial. Enviaram poemas, fotografias, ensaios, ilustrações, cartas, pinturas, fábulas e outras histórias verdadeiras.

Entre eles estão escritores (Baptista-Bastos, Dario Fo, David Leavitt, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Hélia Correia, Mia Couto, Miguel Jesus, Nuno Júdice, valter hugo mãe); jornalistas (Adelino Gomes, Carlos Pinto Coelho); familiares (a filha Violante Saramago Matos, e os netos Ana e Tiago); editores (Zeferino Coelho, Luiz Schwarcz); realizadores (Fernando Meirelles, Miguel Gonçalves Mendes); artistas plásticos (João Abel Manta, Júlio Pomar, Pedro Cabrita Reis); fotógrafos (António Júlio Duarte, Duarte Belo, Luísa Ferreira); ensaístas e académicos (Carlos Reis, Manuel Gusmão, Maria Alzira Seixo); o padre e poeta José Tolentino Mendonça; o administrador delegado da Fundação José Saramago, José Sucena; o encenador do Teatro O Bando, João Brites; o músico e compositor António Pinho Vargas; e o arquitecto Manuel Vicente. Do crítico literário Harold Bloom publicamos excertos de uma entrevista ao jornal brasileiro *Estado de São Paulo*; e do biógrafo Fernando Gómez Aguilera, o artigo que saiu no diário espanhol *El País*.

A maioria dos textos foi escrita para esta ocasião, os restantes são inéditos em Portugal (nos artigos de autores ou jornais brasileiros fizemos questão de manter a grafia original).

A todos os autores, um agradecimento especial. E outro a Rita Pais e Sérgio Machado, da Fundação José Saramago, por todo o apoio prestado a esta edição. A Pilar del Río, um imenso obrigado.

Poema de José Saramago inédito em Portugal

Catorze de Junho

Cerremos esta porta.
 Devagar, devagar, as roupas caiam
 Como de si mesmos se despiam deuses,
 E nós o somos, por tão humanos sermos.
 É quanto nos foi dado: nada.
 Não digamos palavras, suspiremos apenas
 Porque o tempo nos olha.
 Alguém terá criado antes de ti o sol,
 E a lua, e o cometa, o negro espaço,
 As estrelas infinitas.
 Se juntos, que faremos? O mundo seja,
 Como um barco no mar, ou pão na mesa,
 Ou rumoroso leito.
 Não se afastou o tempo. Assiste e quer.
 É já pergunta o seu olhar agudo
 À primeira palavra que dizemos:
 Tudo.

In Poesía Completa, Alfaguara, pág. 636-637

Poema escrito por José Saramago para assinalar a data do seu encontro com Pilar del Río



Agenda pessoal do escritor aberta no dia 14 de Junho de 1986, quando conhece Pilar del Río. Arquivo da Fundação José Saramago

Miguel Gonçalves Mendes

Realizador



Frame retirado do filme *José & Pilar de Miguel Gonçalves Mendes* que irá ser apresentado no DocLisboa, em Outubro

Zeferino Coelho

Editor

Meditação sobre a morte de José Saramago

Entendemos como normal que, depois da sua morte, o escritor seja julgado segundo aquilo que fez. Mas, enquanto ele aí está, presente, vivo, permiti que vos diga que temos também o direito de julgá-lo segundo o que é.

José Saramago

● Eu sabia que o caixão estaria aberto e que, portanto, quando entrasse no Salão Nobre da Câmara, receberia um choque. Preparei-me. Retirei do bolso do casaco um papel que me acompanha sempre, para que não me esqueça nunca, onde transcrevi o poema de Sophia *Meditação do Duque de Gandia sobre a Morte de Isabel de Portugal*: “Nunca mais a tua face será pura limpa e viva...”

Fortalecido pelo poema - a poesia, em especial a de Sophia, reconcilia-nos até com a morte - aproximei-me para o ver morto. Estava preparado e evitei o choque. Sophia, ainda ela, ajudou-me: “Antígona poisou a sua mão sobre o teu ombro no instante em que morreste / E a busca da justiça continua”.

Depois de um momento em que nada se passou, ou se algo se passou nada recordo, uma ideia inesperada me veio à cabeça e saiu assim: Como este homem é elegante? Dei dois passos em frente, já sem medo, esqueci-me de tudo o que estava em volta, como se estivesse ali só com ele, e confirmei - sim, como é elegante, e sereno, e seguro de si! E, contudo, é já um cadáver.

Elegante, sereno, seguro de si - sempre o conheci assim. A elegância estava-lhe no corpo, é certo, mas estava sobretudo dentro, na alma, que lhe sustentava o corpo. Nunca o vi encostado a nada nem a ninguém. Nem sequer às comezinhas conveniências que nos suavizam a existência. Alguns, que se encostam às circunstâncias para “singrar na vida” (como eles dizem), olhavam-no com olhos oblíquos (porque tinham a coluna torta do encosto) e viam-no arrogante. São aqueles, não poucos, que nunca leram o livro de Gonçalo M. Tavares que nos adverte: “O homem que se encosta à sua circunstância corre o risco de cair.” Pois eu nunca o vi encostado a nada, nem a Pilar (aliás, ela não deixaria), e só via elegância, por fora e por dentro.

Sereno, também, que é a outra face da elegância. Fazia parte do grupo daqueles que nunca quiseram nada para si e que por isso, com o trabalho honesto de cada dia, dia após dia, página após página, livro após livro, justificaram a sua existência e obtiveram tudo. Ainda como dizia Sophia, não deu homem por si, não ficou em casa a cozinhar intrigas, não usou de manobra ou de calúnia, não recuou nunca. E a serenidade brota daqui.

E seguro de si. Em carta a José Rodrigues Miguéis recentemente publicada, dando conta de uma “safadeza” que repeliu despedindo-se do emprego, dizia: “Começo o ano da estaca zero, completamente desprovido. Mas continuo a ter uma grande consideração por mim mesmo.” O emprego, o ordenado no fim do mês, foram-se. Mas não o respeito por si próprio, que é o que nos dá segurança na vida.

Elegante, sereno, seguro de si, foi assim que o vi pela última vez, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Lisboa. E no entanto era já cadáver. “Nunca mais a tua face...” E no entanto ficam os livros. Está lá tudo.

E no entanto...
Está...
Estava...
Já não está.

Dario Fo

Escritor italiano

A coragem de denunciar a violência

● *L'Osservatore Romano*, o diário vaticano que é expressão directa da cúria romana, apenas dois dias depois da morte de José Saramago, atacou brutalmente o escritor português, Prémio Nobel da Literatura. Este ataque denuncia uma hipocrisia bem reconhecível, de marca clerical. Mas, sobretudo, uma ignorância sobre quem seja este homem e o seu compromisso moral e cívico durante toda uma vida. Como se houvesse necessidade de dizer, a todo o custo, algo que negasse a sua clareza, transparência, honestidade e coerência política. O que se concretiza numa afirmação deturpada: “Calate, não podes acusar a Igreja secular pelas suas violências criminosas, pois estiveste calado perante as violências igualmente criminosas dos comunistas soviéticos, dos quais eras um apoiante.”

Eis a mentira! Tive ocasião, mais de uma vez, de falar sobre a questão com José. Eu contava-lhe como a União Soviética, de há 30 anos para cá, nunca mais colocara em cena um trabalho meu de sátira política sobre a cultura capitalista. Antes, tinha censurado a possibilidade de montar qualquer espectáculo. A razão, evidente, é que aqueles ataques sarcásticos tocavam profundamente também a concepção de poder em toda a União Soviética e arredores.

Por sua vez, Saramago recordava-me a censura sofrida pelos seus escritos, também da parte da liderança do partido na URSS [União das Repúblicas Socialistas Soviéticas].

Já no final dos anos 60, Saramago tinha tomado posições muito duras em relação a Cuba. Não se sentia levado a apoiar, cívica e moralmente, o regime de Castro que levava para a prisão não quaisquer opositores, mas comunistas que não estavam de acordo com a sua política.

Mas, ainda, já desde as primeiras notícias sobre o *gulag* e o destino dos dissidentes, tinha escrito vários ensaios sobre o que considerava a destruição do comunismo originário.

Naturalmente, o jornal da cúria finge estar distraído. Não se preocupa sequer em informar-se a este propósito. Dá por adquirido que um comunista não tenha a dignidade e a coragem de denunciar a violência muitas vezes criminosas de um grupo político ao qual pertence.

Esta atitude, tendente a mascarar, cobrir, ignorar, pode ser considerada como historicamente aceitável, só por quem faça parte do mundo católico apostólico romano. E isto é um deixa-andar que dura talvez desde há séculos, desde o início do movimento denominado cristão: a partir mesmo do momento em que bispos e altas autoridades da Igreja colocaram à disposição do Império Romano do Oriente e Ocidente as suas pessoas e toda a cúria.

O tempo, para certas formas de alta hipocrisia, não passa nunca.

Prémio Nobel da Literatura 1997

24 de Junho de 2010

Gonçalo
M. Tavares

Escritor

O início do mundo

Aqui o mar acaba e a terra principia. Chove sobre a cidade pálida, as águas do rio correm turvas de barro, há cheia nas lezírias.

O Ano da Morte de Ricardo Reis, José Saramago

● No princípio, no início do mundo - ou mesmo antes do início do mundo - o elefante ocupava a sala. Não se conseguia entrar nem sair. A sala inteira ocupada por um elefante. Abria-se a porta e ali estava: o corpo do elefante, a pele cinzenta.

Há sempre quem queira estragar o início do mundo e, neste caso, quem estava a estragar a festa era um elefante.

No fundo, ali estava muito clara a catástrofe humana na sua situação mais simples: não havia espaço para começar.

De qualquer maneira, quem estava de fora não desistiu. Tratava-se de iniciar o mundo, apesar de tudo uma tarefa inadiável. Se não começa pelo começo, o que fazes depois? Eis um dilema.

Foi pois necessário isto: procurar outra sala. Mas rapidamente se percebeu que não havia. Estamos a começar, alguém disse - por enquanto só há uma sala, e está ocupada pelo elefante. A cabeça do elefante tocava no tecto, os dentes numa das paredes, a cauda noutra. Entalado como se o compartimento fosse uma roupa de tamanho menor que o corpo.

Estava tão apertado entre as paredes, o tecto e o solo, que se temia que uma inspiração mais profunda fizesse rebentar a sala - e o mundo em vez de começar terminaria logo ali, no primeiro dia. No entanto, o elefante era prudente; enorme, sim, mas respirava devagar para não partir nada logo na inauguração.

E como aquele era o primeiro dia do mundo, a questão principal era: como podem as pessoas entrar lá para dentro? E se não entram, ficam cá fora? E se ficam cá fora, como começam? Ninguém começa nada estando do lado de fora, isso é óbvio.

(Claro que a responsabilidade não era do elefante, mas de quem ali o tinha colocado.)

Dois problemas, portanto: a sala não tinha espaço para uma única alma - muito menos para um corpo - e o próprio mastodonte protestava pelo aperto.

Porém, a certa altura, alguém gritou, chamando a atenção para o que era óbvio: entre as quatro patas, lá em baixo, há espaço. Entre as duas patas da frente, espaço. Entre as duas de trás, espaço. E, olhando com atenção, entre as duas patas da frente e as duas de trás: há ainda muito espaço, um espaço enorme.

Pois ali se encontrara, então, o sítio para a coisa começar. Os homens entraram aos magotes e, pouco a pouco, foram percebendo que, desde que o elefante não inspirasse profundamente, podiam andar, correr, procriar e até saltar - havia espaço para tudo. Assim começou o mundo e, até ver, a coisa vai que é um espanto.

Dedicado a José Saramago

Luiz Schwarcz Editor brasileiro de Saramago Um brasileiro *honoris causa*

Saramago era o mais popular dos escritores brasileiros. A afirmação, que por várias razões poderia chocar, é pura verdade. É certo que José jamais teve passaporte brasileiro nem vendeu mais livros que Paulo Coelho, por exemplo. No entanto, desafio qualquer pessoa a me indicar um escritor brasileiro que despertasse tamanha paixão em seus compatriotas como fez José, seja andando pelas ruas da pequena cidade de Tiradentes, em Minas Gerais; assistindo a festa de aniversário de Santo Amaro de Purificação, na Bahia; caminhando pela praia de Copacabana; falando aos trabalhadores sem-terra com Chico Buarque e Sebastião Salgado; ou nas inúmeras vezes em que teve seus livros lidos, em eventos, por atores de peso como Fernanda Montenegro, Raul Cortez, Marieta Severo.

Em toda a minha vida de editor, não conheci provas de amor mais enfáticas do que as que José recebia ao vir para meu país, onde era considerado um conterrâneo, um amigo, um ídolo e ao mesmo tempo um igual. Não há repartição diplomática ou carimbo de passaporte que resista às provas que posso arrolar em favor da minha tese, comprovadas em nossas andanças por essas bandas tropicais.

No lançamento de *A Jangada de Pedra*, o primeiro que realizámos juntos, tivemos o prenúncio das imensas filas que acompanhariam José e seus livros no Brasil, e também o sinal dos excessos afetivos dos leitores e leitoras brasileiros, que justificam tão bem a minha afirmação inicial. Foi lá que José, após uma saraivada de beijos e abraços de uma fã ardorosa, recebeu um colar de búzios, que usou até o fim do evento, quando exclamou: "Luiz, essa gente quer me matar de amor." Em Santo Amaro, Caetano cantava com sua mãe, Dona Canô, sentada no palco ao seu lado, e o público virava os olhos para um senhor alto e calvo perdido no meio da multidão, dizendo, "olha lá, é o Saramago, não é?".

É claro que, enquanto adquiria sua nacionalidade *honoris causa*, alguns momentos de estranhamento aconteceram. Nesse mesmo lançamento, José perguntava o nome de seus leitores e estes insistiam em responder-lhe com o apelido. Ele reclamava, "mas eu pedi seu nome, não o apelido, pá". José falava português, nós respondíamos em brasileiro. Aqui nome é apelido, sobrenome é nome, e apelido é Zezinho, Sarará, Zeca...

Entre as várias viagens pelo Brasil, a mais memorável talvez tenha sido a que fizemos para a Bahia. Pilar e José vieram para a entrega do Prêmio Camões, que lhe foi concedido pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso, no ano de 1996, no Palácio do Itamaraty, em Brasília. Lá estavam, entre outros, Jorge e Zélia Amado, que nos ciceroniam em Salvador, após as formalidades do cerimonial. Fomos recebidos em inúmeras casas, onde as melhores cozinheiras da Bahia faziam a sua arte, muito apreciada por José, em refeições organizadas por Zélia e Jorge. O primeiro almoço ocorreu na casa de Caetano, de onde assistimos à festa da entrega dos presentes para Yemanjá, quando os pescadores levam seus barcos coloridos para o alto mar e jogam suas oferendas para a vaidosa rainha dos mares. O cardápio foi composto de uma suculenta feijoada bahiana, diferente da que se come em outras partes do país. Devidamente trajado de um par de *shorts* azuis, de minha propriedade - nunca mais vi José vestido em nada parecido -, Saramago e Lili passaram a tarde e a noite dividindo o livro de memórias do compositor bahiano, pois Caetano, naquela ocasião um neófito no uso dos computadores, guardava toda sua vida em um só documento, que poderia evaporar-se na virtualidade em questão de segundos.

Os passeios pelo pelourinho, sempre com Jorge Amado, geraram *frisson* entre os meninos de rua, entre as bahianas dos acarajés e os demais passantes que, acostumados com o autor bahiano, excitavam-se sobremaneira com a presença dos dois amigos juntos. Numa visita ao atelier de Carybé, artista argentino que também era mais brasileiro do que qualquer outro, compramos, escondido, uma aquarela para José e Pilar, que faziam a mesma surpresa para nós. O artista pediu aos dois casais presenteiros um favor: que deixássemos as aquarelas com ele, para figurar numa exposição que ocorreria em breve, em Sevilha. "Em Sevilha, sim, claro", concordamos com alegria, respeitando as origens da Pilar. Nunca recebemos, no entanto, os tais presentes trocados, as surpresas gêmeas, que celebravam com coincidências amorosas a continuidade de uma longuíssima amizade.

Desde então, José hospedou-se sempre em minha casa, recusava-se a ir para hotéis em São Paulo. Mais uma prova da brasilidade desse queridíssimo escritor. Muito mais do que um cidadão português ou brasileiro, José Saramago era um escritor dos homens e das mulheres que o leram e lerão no mundo inteiro, contrariando os limites nacionais, que a literatura desconhece e despreza.



Duarte Belo Fotógrafo

Helder Macedo

Escritor e ensaísta

O visionário da tangibilidade

● José Saramago tinha o dom da generosidade. Creio que sempre deu mais do que recebeu. E o que recebia partilhava. Há escritores que se afirmam criando um vácuo à sua volta, que interiorizam o mundo como uma paisagem da alma. Saramago falava a partir de si para o mundo, forjava o que seria a imagem da sua alma na paisagem transitória de mundos possíveis. Sabia que só a morte é imortal. Era um materialista visionário, um místico da tangibilidade.

O estilo literário que desenvolveu - que encontrou na sua primeira grande obra, *Levantado do Chão* - faz uma sábia fusão de didatismo e de subversão, que lhe permite levar o leitor para mais longe do que, só por si, teria julgado ser possível. É como se o autor pegasse no leitor pela mão e o levasse, de pormenor em pormenor, a encontrar respostas plausíveis para perguntas que não tinha feito, e assim chegar a uma conclusão para que não teria estado preparado mas a que chega como se tivesse seguido um percurso independente. Sendo eu um escritor que funciona através de elipses e de cesuras, de justaposições e de silêncios intervalares que visam criar espaços vazios que o leitor poderá (ou não) preencher consoante o seu próprio entendimento, profundamente admiro essa capacidade oposta de nada deixar ao acaso, de tudo prever, de tudo fazer o leitor ver e pensar, de conseguir que nada pareça aleatório, mesmo o que parta, como em várias das suas obras, de uma proposição ela própria aleatória: e se o Ricardo Reis que não houve voltasse à Lisboa que havia? E se a Península Ibérica se separasse, como uma jangada de pedra, do continente europeu? E se de repente todos ficassem cegos? E se deixasse de haver morte? Saramago transpôs o surrealismo que fora dominante nos anos formativos da sua geração literária na lógica rigorosa de uma literatura aparentemente realista.

Coincidimos várias vezes em encontros literários, sobretudo no Brasil. Sempre senti, e julgo ter sido um sentimento partilhado, que havia entre nós uma base de cúmplice amizade que só a distância geográfica - ele em Portugal ou em Lanzarote, eu em Londres - não permitiu que fosse aprofundada. Mandava-me os seus livros, eu mandava-lhe os meus, fiquei sempre a beneficiar com a troca. Foi por recomendação sua que um romance meu, *Pedro e Paula*, foi traduzido e publicado na Itália. Já doente, há poucos meses, escrevi-me palavras apreciativas sobre o meu último romance. Ele tem milhões de leitores, eu poucos milhares. Sinto-me honrado por José Saramago ter sido um deles, por esse escritor generoso ter sido

também um colega generoso. Generoso para mim e para muitos outros. O prémio literário que criei com o seu nome é uma aposta nos escritores de um futuro que já não poderá partilhar. Quando alcançou um reconhecimento internacional que nenhum outro escritor português alguma vez teve, abriu portas a todos os escritores portugueses. Até a Camões, até a Pessoa, até mesmo àqueles que se promovem pela negativa às cavalitas nele, como aconteceu quando um colega menos generoso foi lançado no Brasil como o "Anti-Saramago".

Foi também no Brasil que, depois de uma breve apresentação d' *O Evangelho segundo Jesus Cristo* ouvi o José Saramago responder a perguntas do público durante mais de duas horas. Anfiteatro cheio, gente quase literalmente pendurada dos candeeiros. Isto bem antes do Nobel, não foi o Nobel que levou ao sucesso da sua obra, foi a sua obra que levou ao Nobel. Um monte de papélinhos com as perguntas sobre a mesa, o José Saramago devotando a todas elas a mesma atenção, tratando as mais banais com o mesmo respeito que devotava às mais complexas, sem a menor sombra de impaciência, didático, inteligente, sedutor, nunca comprometendo a sua integridade intelectual. Aplausos entusiásticos a cada resposta. Exemplo: "O senhor acredita na reencarnação?" Eu a tentar imaginar como me teria saído dessa, como traduziria numa linguagem minimamente cordata o "é claro que não, que parvoice" que me teria apetecido responder. Mas logo percebi por que razão ele conseguia ser simultaneamente o escritor que eu admirava e o comunicador que fiquei a admirar. Releu a pergunta, ponderou uns segundos, "Bom, vamos lá ver", e respondeu longamente com uma análise das mais diversas crenças na reencarnação através dos séculos, mostrando que todas elas tinham um elemento comum: a pessoa não se lembrar de quem teria sido numa vida anterior. E assim pôde concluir, com os aplausos de todos nós: "Portanto, está a ver, sendo assim, é um problema que não me ponho." Sabia muito. Até sabia como manipular o sentimentalismo com a verdade dos sentimentos. A senhora da reencarnação insistiu em fazer uma última pergunta, todos nós já merecedores de um copo sem metafísica: "Saramago, porque é que Jesus, quando ressuscitou, foi ver Maria Madalena e mais ninguém?" Resposta rápida, olhando nos olhos a bela Pilar sentada na primeira fila: "Mas, como não?, se eu ressuscitasse, a pessoa que eu iria ver é a mulher que amo." Pois é, o José Saramago sabia muito.

José Saramago em Ouro Preto (Brasil), nos anos 80. (Fotografia BM Paula). Arquivo Fundação José Saramago





Mia Couto

Escritor moçambicano

Abraço, José

● A morte só existe se há ausência. Para uns, como Saramago, não haverá nunca ausência. O escritor semeou-se tanto e por tantos outros que ele apenas mudou de presença. Não falo da escrita. Mas dos momentos em que ele se distribuiu, pessoa entre pessoas. Em mim, essa permanência faz-se de indeléveis momentos. Relembro aqui alguns desses episódios:

Primeiro episódio Maputo, finais de Novembro de 2000

José Saramago vem a Maputo lançar *A Caverna*. Uma semana antes da sua chegada, o jornalista Carlos Cardoso tinha sido assassinado. Para Saramago, a razão da sua viagem a Maputo já não é ele ou a sua obra. Horas depois de ter aterrado, a sua agenda é totalmente alterada. Sentado na varanda do seu hotel, José dá instruções sobre o que pretende. Horas depois visita a redacção do *Metical*, o jornal de que era director Carlos Cardoso. “Acima de tudo não podemos deixar que nos convençam que isto que aconteceu é episódico e acidental, como se houvesse um grupo descontrolado que, por uma qualquer razão, resolvesse cometer um crime”, disse Saramago na ocasião.

Depois, segue com um batalhão de jornalistas para o local onde Cardoso tinha sido abatido a tiro. Ali mesmo fala para a imprensa, exalta a coragem e a lucidez como armas para preservarmos a humanidade. Visita a viúva de Cardoso, dá entrevistas, fala com escritores e artistas.

No dia seguinte, pede-me a mim para organizar encontros com membros do governo. Quer pressionar as autoridades para que encontrem os autores materiais e morais de ambos os crimes. Organizo um encontro com o primeiro-ministro de quem eu era amigo. Confesso-lhe os meus receios. O discurso de um estrangeiro, com exigências sobre a celeridade da justiça, não agradaria a dirigentes orgulhosos na recente conquista da Independência.

Confirmando os meus receios, na audiência, José Saramago não usa de panos quentes. As suas palavras são ásperas, certeiras, sem diplomacia. Pascoal Mocumbi, o primeiro-ministro, é um homem alto, tão alto como Saramago. Enfrenta-o, olhos nos olhos. Após um momento de silêncio, Mocumbi confessa: “Eu já o conhecia, já gostava de si. Agora gosto mais ainda.” Começa então uma conversa franca que dissolve distâncias. Saramago e Mocumbi trocam confidências, como velhos amigos. No final, está acertado um outro momento para continuarem a amena cavaqueira: em Lanzarote, em casa de José e Pilar.

Segundo episódio Cheias em Moçambique, 2000

As inundações de 2000 foram as piores nos últimos cem anos. Impotente, perante o drama que vivíamos, redigi um apelo para que as vítimas das cheias recebessem apoio internacional. Saramago respondeu-

me no mesmo dia perguntando ao telefone, no seu habitual tom seco:

- Diz-me apenas o que tenho que fazer.

No instante seguinte, tinha transferido 25 mil dólares para uma conta que passaria a ser auditada por uma agência financeira internacional. Outros escritores lhe seguiram o exemplo. No final, havia dinheiro para erguer um centro de saúde em Chivonguene, nas margens do rio Limpopo.

Já em Maputo, meses depois, Saramago foi recebido por Helder Muteia, o então ministro da Agricultura. O governante pretendia expressar a Saramago a gratidão dos moçambicanos. Muteia é poeta. Organizou o encontro com um carinho que superava as obrigações protocolares. Escapou-lhe, por isso, a secura do escritor português durante todo o encontro. Ao lado de Saramago eu adivinhei-lhe a pressa: queria fugir aos agradecimentos. Para ele havia um dever de solidariedade que se explicaria melhor junto dos camponeses que beneficiaram do seu apoio. Já no final, em plenas despedidas, Saramago perguntou: “E que nome deram ao centro de saúde?” Imitando o tom seco do visitante, o ministro respondeu, quase displicente: “Chama-se Levantado do Chão.” Saramago parou, fulminado pela emoção. Gaguejou, baralhando letras e palavras. Por fim, confessa, em suspiro: “Caramba, homem, você comoveu-me!”

Terceiro episódio Universidade de Évora, 1999

O abraço estava mal distribuído. Ele abraçou-me. Eu fui abraçado. A razão dessa troca desigual não era apenas de ordem física. Eu estava preso pela timidez, vivendo um momento inusual, num território estranho. A pergunta de Zeferino Coelho, no dia anterior, ainda ecoava confusamente dentro de mim:

- Você importa-se que José Saramago, depois da entrega do seu prémio, faça um debate público consigo?

O editor da Caminho conhecia antecipadamente a minha resposta: ter Saramago na cerimónia de entrega de um prémio era a impossível cereja por cima de um improvável bolo. Embalsamado num fato escuro, fui subindo a escadaria do edifício da universidade. E lá estava ele, no último degrau, com seu porte nobre, abraçando-me logo à chegada como se fosse ele o patrono do prémio. Para mim, aquele abraço era uma recompensa maior.

O programa era breve e, num instante, se iniciou a anunciada conversa entre mim e ele. O anfiteatro estava cheio, no pódio estava o Presidente da República de Portugal. A um certo momento, em tom paternal mas ríspido, Saramago admoestou-me: eu que deixasse essa “coisa” da biologia e me dedicasse apenas à escrita. Lembro-me do seu tom, peremptório: “Já te disse, a escrita pede tudo, não aceita partilhas.”

Mas eu sabia que, também para ele, essa entrega à literatura não o ocupava com exclusividade. Saramago foi um cidadão do mundo, entregue a causas e debates, desdobrando-se em viagens e semeando presenças. Recordo ver uma fotografia sua, já doente e anteendo o fim, acarinhando Aminatou Haidar, activista pela independência do Sara Ocidental. Em greve de fome, Aminatou está frágil, quase desfalecida. Não menos frágil está José Saramago. Mas as mãos de José e de Aminatou amparando-se mutuamente geram a força de um infinito abraço.

Fernando Gómez Aguilera

Biógrafo espanhol

Uma consciência irritada e compassiva

Pedro Cabrita Reis

Artista plástico

● *O Evangelho segundo Jesus Cristo* levou José Saramago a Lanzarote em Fevereiro de 1993. Mas talvez seja mais preciso dizer que foi o seu testículo adicional que o empurrou para as ilhas a bordo da sua jangada de pedra e de consciência. Assim era ele e assim continuará a ser nos seus livros e nas inumeráveis palavras que ressoam em quem as escute enquanto suporta com irritação o desvario e as injustiças do poder e as afrontas sem justificação do mundo: um escritor titânico, uma consciência irritada e compassiva, própria de quem nasceu com um testículo a mais. Foi o próprio Saramago que o escreveu, a 11 de Novembro de 1971, numa carta que enviou ao seu amigo Nataniel Costa, como justificação da sua difícil saída da editora Estúdios Cor, onde havia trabalhado durante doze anos, dando vida aos livros dos outros e escrevendo cartas inteligentes aos seus colegas escritores: "Desgraçadamente para eles, nasci com um testículo suplementar, e fui-me embora." Parecia uma declaração de princípios. E foi.

O Barco # 1 a #4, para O Conto da Ilha Desconhecida, Pavilhão de Portugal-Expo'98, Assírio & Alvim (Fotografias de Paulo Cintra e Laura Castro Caldas)

À vida, mas também a Lanzarote, trouxe-o esse testículo a mais que tanto bem trouxe ao mundo e à dignidade do ser humano por que José tanto lutou, à sua maneira: acariando a palavra de que mais gostava, a que acreditava ser a mais necessária, a palavra "não". Porquê a palavra "não"? Porque a insubmissão, na sua voz,

era o instrumento da indignação necessária para impugnar o poder injusto e arbitrário que desordena os dias e empurra tantos e tantos para as esquinas e as redomas da exclusão. Porque há que dizer "não" ao poder para se poder vigiá-lo e limitar a sua tendência para extravasar, advertia Saramago. E, assim, disse "não" a Cavaco Silva e ao seu subsecretário de Estado da Cultura, ou seja, a quem lhe tinha censurado *O Evangelho*, escolhido para representar Portugal no Prémio Literário Europeu.

Chegou à ilha pela mão de Pilar del Río, seu *alter ego*, a casa da sua respiração, Pilar, o seu pilar, o seu amparo, e, de frente para o Atlântico, ao pé de um punhado de vulcões, assentou para explorar um novo ciclo da sua obra literária, depois de encerrar a etapa de diálogo com a História, um momento brilhante da literatura portuguesa, aberto com *Levantado do Chão*, em 1980, e concluído com *História do Cerco de Lisboa* ou, se se preferir, com a refutação do mito no próprio *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Saramago acudiu à História movido por uma "imperiosa necessidade de apreender" e de mostrar que era "parcial e parcelar", o que, no seu sistema, queria dizer que não respeitava a verdade dos homens e das mulheres desaparecidas. Só encontrou uma maneira de a ingerir, metendo de cabeça nela o romance, o realismo da sua escrita incômoda, oral,



barroca, helicoidal, empenhada em mudar de ponto de vista, em ver de outro modo, em desestimar o discurso oficial, levando as vidas não tidas em conta, as margens do esquecimento.

E viu Mafta de outra maneira, a partir de baixo e da vontade de liberdade, a partir de uma *passarola* e de uma Blimunda em carne viva que fizeram empalidecer o grande relato dos reis e do clero, aproximando as pedras do excesso divino da bela ferida dos peões e dos fugitivos. Disse-lhe o seu admirado Pessoa, na figura de Ricardo Reis, cujas odes o fascinaram na adolescência, que não podia ser sábio quem se contentava com o espectáculo do mundo entre as guerras. E de passagem, quando já ninguém o esperava do escritor maduro, Ricardo Reis e Blimunda também removeram os alicerces da literatura portuguesa, desencaixando o panorama nacional, avisando o mundo.

E assim chegou a Lanzarote, com a sua militância comunista - "comunista libertário", assim se sentia no final dos seus dias, heterodoxo e matizado, sempre - e com a História que quis arrastar para o proveito do presente debaixo do braço, para escrever *Ensaio sobre a Cegueira*, entre vulcões a que ascendia com uma indizível sensação de vitória, os ventos alisos revolvendo-lhe as guedelhas, renovando o passo do caminhante

ligeiro que sempre foi, deixando as suas pegadas em cinzas e bermas. A partir de então, em Lanzarote, viajando sem cessar pelo mundo, esperando que o Nobel viesse ao Sul deste grande transibérico português, começou a explorar a desviada condição do ser humano contemporâneo, em romances que os seus leitores receberam como cotoveladas no estômago da consciência. Entre alísios e cinzas, coroando cumes erodidos pela idade e o mal-estar que aquele menino nascido em Azinhaga, nas margens do Almonda das suas memórias infinitas, feito homem de fortes valores, denúncias vigorosas e polémicas extremadas, acumulava em cada dia de uma época dolorosa. Dolorosa pela indiferença que ele detestava e que combateu com desassossego. Dolorosa pelas renúncias éticas. Dolorosa pela sua maquinaria de igualdades e de silêncios. Dolorosa porque via o governo dos seus dias na mãos de um capitalismo autoritário que convertia a democracia num sistema formal e subsidiário, gravemente deteriorado pela acção de um poder não eleito e que é o que realmente toma as decisões de fundo. E já o comprovámos nesta crise que nos tem aflitos e desorientados enquanto nos oferece a imagem de dirigentes europeus sem capacidade de liderança, sem ideias desprovidas de mofo, postos fora de combate pela sua própria perplexidade e as

suas limitações. Mágua, por fim, pela irracionalidade do ser humano, desamparado de referentes morais laicos, encurralado na sua própria desapareição.

Por isso, das Canárias saía José, com o seu testículo adicional, envolto em palavras vigorosas, palavras como espadas ou como lábios ou como chamas, e, viajante do mundo, consciência crítica reconhecida, amparo de outros desassossegos, expressava o seu mal-estar face ao desprezo sistemático pelos direitos humanos, como fez no discurso pronunciado durante o banquete celebrado a propósito da entrega do Prémio Nobel, no dia 10 de Dezembro de 1998.

Em Lanzarote, aonde chegou, segundo as suas palavras, "quando mais necessitava de um lugar assim", nunca esqueceu Portugal e, na ilha, sentia a necessidade de escutar a sua língua enquanto escrevia, a língua mais bonita do mundo, como disse quando apresentámos em Lisboa a exposição que a Fundação César Manrique lhe dedicou e que teve a honra de comissariar, *A Consistência dos Sonhos*. Daqui, exerceu a cidadania local e universal, a sua implicação no pulsar do mundo, a sua intervenção civil. Tanto censurava o caciquismo e a corrupção insular como defendia a necessidade da decência pública ou a cultura dos limites urbanísticos e do meio ambiente ou se mostrava

desgostoso com a incapacidade da esquerda, ancilosada, vazia de ideias para renovar os seus estrategos e métodos na hora de pensar o nosso tempo. Depois de Lanzarote esteve em Lisboa e esteve na América Latina e esteve na Europa e deixou de viajar para os Estados Unidos.

O narrador que fixou o seu círculo de afinidades no padre António Vieira, Almeida Garrett, Kafka, Montaigne, Cervantes, Pessoa e Borges, abasteceu-se, uma e outra vez, na sua declaração de princípios de que aonde ia o escritor ia o cidadão. E o cidadão acudia ali para que nem o escritor nem o cidadão alguma vez envergonhassem o menino que um e outro tinham sido, mas, sobretudo, para ajudar, para ajudar muito, repetindo, infatigável, que "a nossa grande tarefa é procurar ser mais humanos", que a grande revolução pendente é a da bondade. Saramago decidiu não se ocultar por trás do narrador porque era ele o autor e, portanto, o responsável por contar o que se contava, a matéria dos livros, onde sempre aguardava dentro uma pessoa com a qual o leitor desejava e deseja encontrar-se: o autor.

Mais um gesto do seu humanismo radical, modulado pela ironia voltairiana e o ceticismo, tocado por um pessimismo ilustrado que nunca o conduziu ao nihilismo, mas apenas ao desejo social de se envolver na transformação do

imediatos, longe da utopia, que detestava. Num determinado momento declarou, com o seu habitual sentido de lucidez, que o seu retrato fiel era o que foi deixado escrito por Gramsci: "Pessimista pela razão, optimista pela vontade." Algo que bate muito certo com alguém que nunca se contentou com o que lhe diziam, passeando pelas ruas de Lisboa ou seguindo a lava de Lanzarote, austera como a sua conduta e a sua energia, porque "nunca nos devemos contentar com o que nos dizem. Devemos averiguar se é verdade. Saber se é a única verdade e cotejá-la com a verdade dos outros. Há que procurá-la sempre em todo o lado".

Sem Deus, como indicou, a sua obra ficaria incompleta, de facto, mas também assim seria se a desprovéssemos da musculatura central da sua energia moral, da coragem e da coerência que não se desprenderam dos seus passos e que reforçou com um Prémio Nobel que lhe serviu "para ser mais eu". Essa compleição robusta e terna que hoje choramos, resumiu-a desembaraçadamente numa norma de conduta que hoje soa como um apelo à consciência: "Não nos resignemos, indignemo-nos." Difícil? Coisa de um testículo adicional? Viria a ser luminoso, inteligente, ético, coerente, livre.

Texto inédito em Portugal publicado na edição de 19 de Junho do jornal El País.



José Tolentino Mendonça

Padre e poeta

O poema de Deus

Edificar o poema de Deus

É construir a imagem de Deus para a apagar, Apagá-la para conhecer Deus.

Maurice Bellet

● Em certa medida, ninguém é mais descrente do que um crente. A austeríssima proclamação “a Deus nunca ninguém o viu” é um livro sagrado dos cristãos que, tranquilamente, a profere (a Primeira Carta de João). É difícil imaginar um homem mais blasfemo do que Job, do qual se diz: “onde existe homem igual a Job, que bebe a blasfêmia como quem bebe água?” (Job 34, 7). E, no entanto, a sua teologia protestativa inspira há séculos percursos e apropriações de radical assentimento para com a questão de Deus. O Livro de Coeleth, esse nilista intransigente, não deixou de ser lido e comentado como modelo edificante para o conjunto dos crentes. Jeremias dizia que, se fosse possível, preferia esquecer-se de Deus; e a saga de Jonas relata os desmandos humorísticos de um profeta que mantém com Deus um conflito de opinião.

Um dos mestres espirituais do Ocidente, Santo Agostinho, é autor de uma poderosa, mas também desconcertante biblioteca sobre Deus, se atendermos ao que diz: “*Melius scitur Deus nesciendo*” (“Deus conhece-se melhor na ignorância”) ou “*Si comprehendis non est Deus*” (“Se pensas tê-lo compreendido, então não é Deus”). Os místicos de todos os tempos exploram infatigavelmente vias apofáticas, que desconstroem e ultrapassam a presumível estabilidade das representações. De Pseudo-Dionísio (fins do século V, inícios do VI): “Ousemos negar tudo a respeito de Deus para chegarmos a esse sublime desconhecimento que nos é encoberto por aquilo que conhecemos sobre os restantes seres, para contemplar essa escuridão sobrenatural que está oculta ao nosso olhar pela luz”; a Dietrich Bonhoeffer, morto em Berlim em 1943 por conspirar contra Hitler: “Perante Deus e com Deus vivemos sem Deus. Deus deixa-se empurrar para fora do mundo e até à cruz; Deus é impotente e fraco no mundo e exactamente assim, somente assim ele está conosco e nos ajuda.”

Em certa medida (numa misteriosa medida), ninguém é mais crente do que um descrente. O universo de Saramago é “um mundo às avessas” em relação ao mundo bíblico e cristão, como Eduardo Lourenço justamente o classifica. Mas nunca é de mais sublinhar que é sobre esse mundo que ele trabalha, com ira e sedução, afastado e, ao mesmo tempo, incapaz de alhear-se definitivamente. Recorrendo a tudo, epifanias e resmungos, preces e chistes, risadas e silêncios intensíssimos, em páginas que, umas vezes, alcançam uma religiosidade que se diria absurda e, outras vezes, incólume. No último dos cadernos publicados, José Saramago escreveu: “Os ateus são muito capazes de aventurar-se pelos escabrosos caminhos da teologia.” Esperemos que existam também teólogos capazes de aventurar-se pelos caminhos escabrosos de uma literatura que, no limite, não desiste de ser desconstrução e construção do poema de Deus.



Violante Saramago Matos

Filha de José Saramago

Há Gente!

● Ter 76 anos, uma vida cheia de vida e chegar a receber o Prémio Nobel era já obra.

Não seria tudo, mas era muitíssimo. Muitos escritores igualmente merecedores o não tiveram e, provavelmente, outros menos justificados terão tido essa honra. O mesmo acontece a médicos, físicos, químicos, economistas, trabalhadores pela paz.

Que aquele é momento único. Mesmo que se disfarce há uma emoção e um sobe e desce no peito que não deixam mentir. E passam-nos pela cabeça coisas estranhas, despropositadas mesmo - lembro-me, por exemplo, de, no justo momento em que o prémio era entregue, ter pensado Este já ninguém lho tira!

Desde então por diversas vezes li as imensas lições de ética, de sentimento, de cidadania e de verticalidade que são os discursos da Academia e do jantar de celebração.

Seria estranho que, depois de tudo, fosse de esperar um descanso à sombra dos louros, ainda que alguns o pudessem entender como legítimo e outros o pudessem desejar com ansiedade, para poderem continuar a dar descanso a consciências caladas ou por vezes, e quando muito, pouco mais que ligeiramente preocupadas.

Dez anos depois, as expectativas de então tornaram-se um páldio reflexo da realidade. Para todos. Os livros sucederam-se. As intervenções políticas e cidadãs aumentaram. O reconhecimento e o afecto também, vindos de muitos milhares de pessoas. Os adversários e os inimigos atçaram-se. É a consequência de não ser cinzento.

Porque há gente diferente.

Gente que continua, ainda mais de pé.

Gente que não cede nos seus princípios e valores, que chama as coisas pelos nomes. Um crime é um crime; não é só uma malandrice.

Gente que pensa sobre os fenómenos e as realidades

do mundo e se indigna com as atrocidades das guerras, da fome, da pobreza, das injustiças e do desaparecimento da solidariedade.

Gente que usa a tribuna e a visibilidade que conquistou para dar testemunho da revolta e da indignação pela permanente violação dos direitos humanos, em todo o mundo.

Gente que além da escrita apurada e comprometida - aí estão as palavras de justificação do Comité Nobel - é, muito mais que um escritor, um pensador (um filósofo, como diz o neto).

Gente que se empenha em mostrar ao mundo que se se quiser, e para se poder, criar coisas melhores é preciso ver, reparar, conclamar as vontades (blimundar, como diz a neta).

Gente que todos os dias nos surpreende com um comentário, um olhar, um lado do problema em que ainda não tínhamos pensado.

Gente que sabe ser um exemplo de coerência e lucidez.

Gente de quem eu gosto profundamente; mesmo quando pouco falo, que as palavras faltam porque os sentimentos ocupam o seu espaço.

Gente que, entre muitas coisas, me ensinou que nada substitui a coerência e que é enorme importância de olhar para o espelho e não sentir vergonha do que se é.

Gente.

Beijos. Por todos os dias.

Funchal, Outubro de 2008

Foi uma carta de há um ano e meio, mas podia ser de hoje. É de hoje. Ficam por acrescentar algumas palavras - dor, tristeza, vazio.

Tudo se irá arrumar. Mas a seu tempo.

Beijo.

Funchal, Junho de 2010

Tiago Saramago Matos Neto

Foi-se embora o homem, fica a sua marca

Faltam-me as palavras que possam expressar o que sinto e quanto o admirava e respeitava. Deixo aqui uma epígrafe sua com o intuito de homenagear a sua vida, o seu trabalho e o seu legado.

“Contar os dias pelos dedos e encontrar a mão cheia.”
in Cadernos de Lanzarote

E, permitam-me que acrescente, que mão tão sobejamente cheia teve...
Um abraço

Ana Saramago Matos Neta

Se podes ler, lê. Se leste, reflecte

● Não creio que o mais importante seja, neste contexto, falar da minha vida familiar e pessoal com o meu avô, igual a tantas outras relações avô e neta desde que o mundo é mundo. Os avós representam essa coisa maravilhosa que é a sabedoria. Tive a sorte de ter tido um avô sábio que, nas entrelinhas dos nossos encontros, me ia ensinando e transmitindo os seus valores, as suas preocupações, as suas convicções. A lê-lo e a escutá-lo, aprendi o que é a disciplina e o trabalho. Como ele me disse há muitos anos, a propósito do ofício de ser escritor, 90% é trabalho e 10% é inspiração. Aprendi o que é a dedicação às causas, Palestina, Chiapas, Timor, Sara Ocidental, entre tantas, e, no fundo, uma única: a defesa dos Direitos Humanos. Aprendi o que é o espírito de missão com este avô que, sem qualquer queixume ou sacrifício, percorreu a imensidão do mundo para falar e comunicar com milhares de pessoas de todas as idades, raças, religiões, com o compromisso de dar o seu contributo para que o mundo fosse um lugar melhor. E deu esse contributo com a palavra: a sua “arma”, a sua força! Sempre a palavra, o respeito por ela, com a consciência profunda de que há que usar a palavra certa em cada momento.

Dizia que cada um de nós tem o seu metro quadrado e que apenas precisamos de o regar diariamente, escavando, a cada dia, um pouco mais fundo. Para bem de todos nós, o seu metro quadrado é (e digo “é” porque ele persiste gigante, planetário, solar) toda a atmosfera: são os seus livros, textos, conferências,

discursos, apresentações, entrevistas. No fundo, é a sua palavra escrita que se manterá enquanto existirmos, nós, os seus leitores. Já não o escutaremos. Contudo, se fecharmos os olhos enquanto lemos e relemos as suas páginas, certamente que o sentiremos a sussurrar aos nossos ouvidos.

Recentemente, estava eu na Fundação com a Rita Pais e o Sérgio Letria e perguntou se estávamos felizes. Assim do nada (pensávamos nós...), faz-nos esta pergunta mas quase como se estivesse a afirmar: estejam felizes. Ficámos os três sem resposta, o que, aliás, era recorrente nas imensas perguntas que ele nos deixou. Talvez agora lhe possa responder: sim, felizes por o havermos conhecido, por termos existido no seu tempo, por termos convivido com ele. E a essa felicidade acrescenta-se a enorme responsabilidade de o ler, de escutar a sua Blimunda que anda pelo mundo a recolher as vontades, de cuidar do nosso metro quadrado, de pensar, de pensar muito. Parafrazeando uma das suas mais conhecidas epígrafes, *Se podes ler, lê. Se leste, reflecte*. É isso que iremos fazer.

Como tantas vezes foi dito e tão recentemente em voz bem alta: Obrigada, Saramago. E como na génese da palavra “obrigado” está o compromisso de retribuir aquilo que nos foi dado, a ti, Saramago, vamos ler-te sempre, em agradecimento por fazeres de todos nós pessoas melhores. E para podermos, como tu também disseste, contar os dias pelos dedos e encontrar a mão cheia. Lisboa, 24 de Junho de 2010

Baptista-Bastos Escritor

A recusa da servidão

● José Saramago tinha uma relação de sangue com a língua portuguesa e a paixão por um povo que ele desejava adulto e livre. Todas as relações daquele género e todas as paixões assim configuradas são sempre problemáticas. Torga, Sena, Miguéis, outros mais pertencem a essa natureza, por vezes estigmatizante, e sempre perturbadora. Uma vez, em Lanzarote, por uma tarde embatente de vento, falávamos sobre as incertezas e os sarcasmos que os grandes maiores dirigiam a Portugal. “É outra forma de conjugação do verbo amar”, disse ele. “A pátria é sempre ditosa para quem a ama, e quem a ama está inextrincavelmente ligado ao conflito.”

A minha experiência pessoal era curta: meio ano no Brasil, alguns meses na Grécia, mas não deixava de ser a expressão de uma pedagogia dos sentimentos e das emoções. Não me revelou se era acochado pela saudade: o pudor impedia-o dessas confidências. Passado uns minutos, disse-me: “Às vezes, lembro-me dos passeios que fazia por Lisboa.”

Ele era um caminheiro infatigável. Andava pela cidade, pelas cidades, com um passo largo, atlético, desenvolto. Mesmo ali, na ilha de terra castanha (“Foi aqui que o mundo começou”, ironizava ou falava a sério?), todos os dias andava largos quilómetros. E eu seguia-o um pouco arfante. Em Paris, por ocasião da Feira do Livro, Porta de Versalhes, onde a literatura portuguesa era homenageada, ele galgava as ruas escassas e os *boulevards* imensos, com uma celeridade que José Manuel Mendes, Urbano, Possidónio Cachapa e eu dificilmente acompanhávamos. Ocasionalmente, era cumprimentado por homens e mulheres que o reconheciam. Parava. Trocava umas palavras. O afecto que sentia pelas pessoas não constituía a manifestação de uma espécie de autoridade arbitrária. Era, isso sim, a tendência para se aproximar dos outros, a fim, porventura, de se aproximar de si próprio. As emoções e os sentimentos fazem parte do escrínio mais secreto da alma humana, e Saramago, caindo em si, parecia,

a seguir, avergonhado e tocado por escrúpulos infantis. Pigarreava, olhava-nos, sorria embaraçado com o que talvez pensasse ser uma fraqueza de espírito, e voltava a ferrar a face. Percebi, com o decorrer dos anos e de convivência, que Saramago não gostava de expor a natureza dos seus alvoroços, de submeter à observação dos outros a reserva do que lhe pertencia, em sistema de exclusividade. Conheci, assim, Carlos de Oliveira, habitado, como ele, por uma índole simultaneamente defensiva, apreensiva e, acaso, suspeitosa. Carlos de Oliveira, uma das suas grandes referências, e de quem fez um elogio comovente, quando se seguiu ao enorme poeta de *Finisterra*, no Prémio Cidade de Lisboa.

É a essa linhagem que Saramago pertence, que vai do Padre Vieira a Camilo, de Teixeira de Pascoaes a Raul Brandão, e a Afonso Duarte, a Cesário e a Pessanha. Todos eles, e alguns mais (D. Francisco Manuel de Melo, por exemplo, tão pouco citado) que moldaram o idioma na sua conexão com uma ideia de modernidade e de identidade. Poucos semanas antes de o meu amigo morrer recebi um *e-mail*, no qual dizia: “*Tu me manques*”: a distância reflexiva como prática de um jogo de comunicação e de necessidade de notícias.

Notícias, aliás, foi o que José Saramago deu, em todos os seus livros. Aliás, a grande literatura, como toda a grande arte, para o ser e enquanto tal, tem, obrigatoriamente, de dar notícias, da condição humana e do que ocorre no coração do homem, desvendando os sótãos e os subterrâneos onde as pessoas se ocultam e mascaram. Não há arte sem informação. Toda a nossa literatura (e a de outros países) reflecte e revela essa tendência essencial.

Uma obra complexa, constituída por uma extraordinária metáfora sobre Portugal, mesmo quando, aparentemente, fala de outros locais, através de um fabulário e de uma inventiva ímpares. José Saramago sabia muito bem para aonde queria ir. Desenhou a cartografia dos seus projectos em notas, comentários e alusões

contidos no formidável espólio que deixou. Este homem grave escusou-se, sempre e sempre, a desdenhar do trabalho dos seus camaradas. A inveja e o despeito não o consumiram. Ao contrário de muitos outros, e não só António Lobo Antunes, cuja ciúmeira chegava a ser doentia, e o levou a tratar Saramago por “aquele pobre homem”.

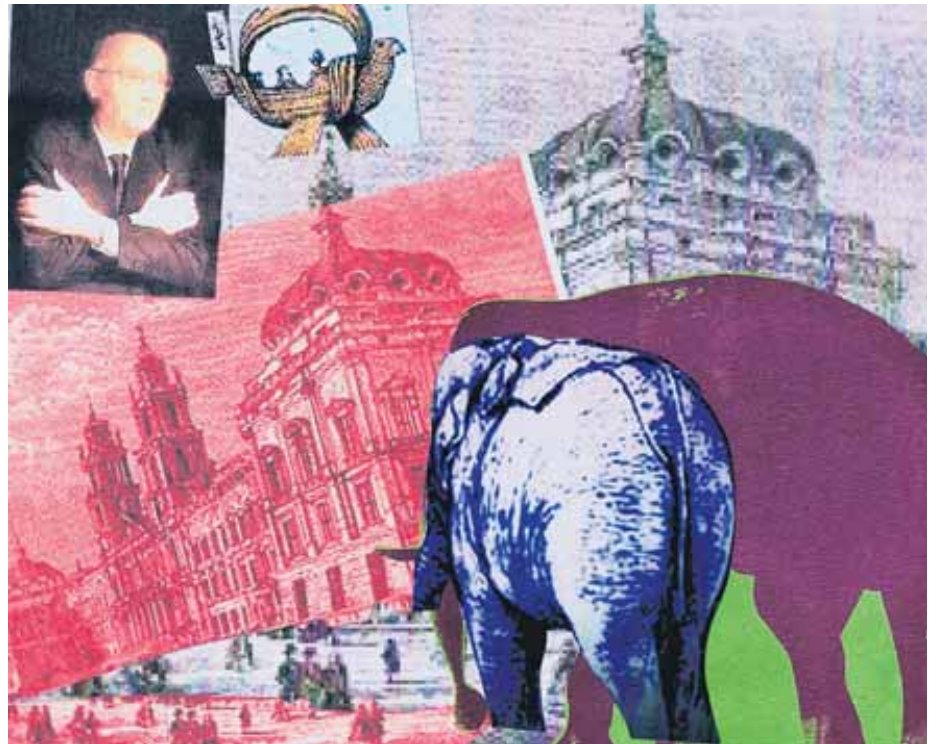
O autor de *Memorial do*

Convento entendeu o seu ofício como um acto de devoção e de amor. Um ofício intimidante, que implicava riscos e perigos extraordinários. Nunca cedeu à violência dos ataques, à sordidez dos despeitos, às manobras da política. Foi comunista, mas não um servo das opiniões com as quais não concordava. A sua obra é um manual de empenho na acção presente, não é uma

virtude interior que permitiria sair de situações embaraçosas. É um desafio poderoso, uma demonstração de liberdade, um apelo à resistência e uma insistência dramática na repulsa da resignação.

Tudo isto envolvido numa prosa majestosa, inventiva, pessoalíssima. E no reconhecimento do carácter sagrado de um povo, cuja força heróica nunca deixou de exaltar.

Manuel Vicente Arquitecto, co-autor do projecto da fundação José Saramago



David Leavitt Escritor norte-americano

Sensualidade nos detalhes

● Saramago é, para mim, um dos grandes escritores dos últimos cem anos. Mesmo nos seus romances mais alegóricos, o leitor percorre o solo de terra e tijolos do mundo mortal. A prosa é rapsódica e a sensualidade dos detalhes, na sua precisão, atinge a perfeição. Para mim, o mais extraordinário é a coragem com que as personagens de Saramago enfrentam as mais tenebrosas circunstâncias: veja-se Ricardo Reis em *O Ano da Morte*

de Ricardo Reis - “Agarrem-se a qualquer crença que persiste... a fé será o vosso álbi... chega-se a um ponto em que não existe mais nada a não ser esperança e então descobrimos que a esperança é tudo.”

Comentário feito à margem de uma entrevista de Helena Vasconcelos ao escritor norte-americano David Leavitt, a publicar no *Ípsilon* de 2 de Julho

Nuno Júdice,

Escritor e poeta

Uma leitura de *Caim*

José Saramago em Frankfurt, anos 80. Arquivo Fundação José Saramago



● Se toda a literatura provém do mito (história sagrada), *Caim* não é uma excepção. Saramago apercebe esta distinção entre leitura religiosa e leitura histórica, que tem por trás o conflito entre profano e sagrado, quando inicia o livro: “Quando o senhor, também conhecido como deus...” Ao adoptar a dupla designação senhor e deus, coloca-se uma ambiguidade entre a figura tutelar de um ser superior no plano social - o senhor - e a natureza divina que não tem equivalente no plano real. É esta ambiguidade que vai permitir ao narrador trazer frequentemente a figura de deus ao nível do homem, emprestando-lhe características que “apagam” essa natureza divina, como quando deus não reconhece Caim, que esconde o sinal, o que é absurdo quando conhecemos a onisciência divina:

“Não foi dito na altura própria que Caim, antes de entrar na tenda, havia feito descer para os olhos a fimbria do turbante a fim de esconder a marca à curiosidade dos presentes, sobretudo do senhor que imediatamente a reconheceria, por isso, quando o senhor lhe perguntou se o seu nome era Caim, respondeu, Caim sou, na verdade, mas não esse.” (pp. 95-96)

Saramago vê-se confrontado com dois movimentos que nascem da leitura bíblica e que se orientam nas direcções do presente (“dar um sentido às palavras que lemos”) e do passado (“vamos procurar na nossa memória as significações convencionais dessas palavras, quando são utilizadas no mundo da linguagem fora da obra lida”). Em *Caim*, num primeiro momento, a Bíblia é lida no sentido próprio - o texto tal como as suas palavras o dizem - e depois surge uma leitura que nasce dessa primeira versão “significante” mas não vai buscar um significado fora desse espaço literal, procurando contextualizá-lo num plano que reconduz a uma realidade possível. É o que sucede na imagem do Génesis em que,

quando deus se irritou por ver que Adão e Eva não dispunham de fala, ao contrário dos animais que se exprimiam “uns por meio de mugidos e rugidos, outros por roncões, chilreios, assobios e cacarejos” (p. 11), reagiu com brutalidade:

“Num acesso de ira, surpreendente em quem tudo poderia ter solucionado com outro rápido fiat, correu para o casal e, um após outro, sem contemplações, sem meias-medidas, enfiou-lhes a língua pela garganta abaixo.” (p. 11).

O gesto divino de dar ao homem a palavra é descrito à imagem de um comportamento próprio na relação autoritária adulto-criança (a mãe ou o pai que metem o remédio na boca da criança “garganta abaixo”), e marca imediatamente um modo de tratamento que vai desencadear um reflexo edípiano em relação a esse pai autoritário. Num plano inconsciente, então, a relação do homem para com deus vai estar sujeita a essa pulsão de morte que, não podendo exercer-se contra deus, que, por definição, é imortal, se vai manifestar no comportamento dos homens para com os outros homens e vai encontrar em Caim o paradigma primeiro quando ele, não podendo exercer a sua cólera contra o Pai, a vai projectar sobre o irmão, Abel, matando-o quando este se revela ser o escolhido de Deus que aceita

seu sacrifício e rejeita o de Caim.

O facto de este ser um gesto mais simbólico do que real vai surgir em vários momentos em que Caim se identifica a si próprio como Abel, ou seja, aquilo que Caim matou não foi, de facto um ser real, Abel - e por isso o seu castigo também é mais simbólico do que real, não sendo sujeito à pena de talião mas a uma errância permanente -, mas uma parte de si próprio, o Eu obediente e submisso a deus, aquele que reprime as pulsões negativas:

“É simples, matei Abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto. Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora deveriam carregar com todos os crimes cometidos em seu nome ou por sua causa.” (p. 38)

A morte de Abel liberta Caim desse lado auto-repressivo e transforma-o num homem. Já o facto de ser um agricultor o distingue de Abel, o pastor; e o fascínio que, em criança, manifestava pelo crescimento das plantas (a mãe Eva encontrara-o a olhar “para uma pequena árvore recém-plantada, à espera de vê-la crescer”, p. 41) associa Caim ao ciclo natural, de que a morte faz parte. Esta relação de Caim com a terra, paradoxalmente, humaniza-o; e se ele mata Abel é também porque este, ao manter uma relação privilegiada com Deus, transporta ainda o sinal do paraíso de que os pais foram expulsos. A morte de Abel é, então, o primeiro instante em que a condição mortal do homem é revelada - e cabe a Caim essa verificação ao materializar o crime.

No fundo, a função do cânone bíblico em *Caim* é dizer ao leitor: aqui está a história que ouviste contar contada do modo em que, hoje, a deves ouvir, tal como ela é, e não como foi apresentada na *Bíblia*. É isto, finalmente, o que toda a literatura faz: actualizar a memória, humanizar o mito. Saramago tinha esse dom, e usou-o com o engenho da sua voz e da sua escrita.

MNAC - MUSEU DO CHIADO

22 JUN. - 3 OUT. 2010

NUNO JÚDICE AFONSO

SEM LIMITES

RETROSPECTIVA

MNAC - MUSEU DO CHIADO

Rua Serpa Pinto, 4

1200-444 Lisboa

Tel.: + 351 213 432 148 / Fax: + 351 213 432 151

E-mail: mnac-museudochiado@imc-ip.pt

Website: www.mnac-museudochiado.imc-ip.pt

HORÁRIO

Terça-Feira a Domingo: 10h00-18h00

Encerrado à Segunda-Feira



Carlos Reis Académico

Para uma releitura de *Memorial do Convento*

● 1. Ler um livro é lê-lo a ele mesmo e ao mais que significa e consigo transporta: em imagens configuradas, em sentidos propostos por leitores que nos precederam, em valorações que o tempo e a história literária trataram de acumular. Quando o livro que lemos e relemos é *Memorial do Convento*, o imaginário da sua leitura torna-se ainda mais denso e multifacetado, no que toca à pluralidade de caminhos exegéticos que o texto convida a percorrer. E a memória é, nesta específica leitura, duplamente invocada. Em primeiro lugar, porque (já se disse) inscrevemos no acto de leitura alguma coisa do que podemos conhecer do trajecto do livro em causa; como quem diz: não lemos os grandes livros de forma inocente, isentando-os da memória cultural e literária que fomos constituindo. Em segundo lugar, porque sendo o livro a ler um romance chamado *Memorial do Convento* é a questão da memória histórica colectiva que está, desde logo, no centro da interpelação (é disso também que se trata) que por este romance nos é feita.

Contando dezenas de edições em Portugal, publicado e traduzido em mais de trinta países e idiomas, registando uma fortuna crítica que se traduz em incontáveis ensaios e estudos de várias dimensões e proveniência, *Memorial do Convento* é, então, um romance que hoje não podemos ler de forma inteiramente despojada. E se abrimos o horizonte da reflexão ao que *Memorial do Convento* representa na literatura portuguesa do final do século XX, então o que fica dito ganha uma outra dimensão, directamente relacionada com a nossa ficção das últimas três décadas. Ou até, em termos mais abrangentes, com a literatura que em Portugal se escreveu e publicou desde 1974.

Editado pela primeira vez em 1982, *Memorial do Convento* não foi propriamente o romance da revelação tardia de um grande escritor - essa revelação fora feita sobretudo com *Levantado do Chão*, de 1980, e prenunciada em *Manual de Pintura e Caligrafia*, de 1977 -, mas foi, a vários títulos, um romance fundador: de uma tendência ficcional e também, já agora, da carreira de um grande escritor com projecção planetária, traduzida numa fortuna crítica como poucas houve na nossa história literária, quase sempre afectada por uma síndrome de periferismo que Saramago foi capaz de anular.

2. Para confirmarmos, mesmo que de forma sucinta, algumas coisas que ficam ditas, importa abrir o ângulo de visão e observar o que se passava em torno de José Saramago e do seu *Memorial do Convento*, nesse tempo, também ele já histórico. Com essa abertura de perspectiva ficamos em melhores condições para uma releitura por assim dizer contextualizada do romance.

O envolvimento de que falo era, no início daqueles anos 80, o de uma vivência muito marcada por episódios recentes, ainda em trânsito de incorporação num nosso entendimento colectivo centrado em temas e em acontecimentos marcantes e mesmo, em certos aspectos, traumáticos. O fim da ditadura, o advento da democracia e as vacilações que trouxe consigo, a integração política e económica na Europa, o balanço de uma longa guerra colonial por fim terminada e de um multissecular Império extinto fizeram parte de um debate que tinha no seu centro uma personagem tão evidente como enigmática: Portugal. Os romances *As Naus*, de António Lobo Antunes, e *A Costa dos Murmúrios*, de Lídia Jorge, ambos de 1988, constituem respostas literariamente elaboradas a interrogações levantadas por aquele balanço da guerra perdida e do Império defunto, respostas ao mesmo tempo melancólicas, amargas e (no caso de Lobo Antunes) paródicas.

Nada que fosse muito original, como se sabe, quando olhamos, por exemplo, para o fim do nosso século XIX. E tal como então, com a personagem Portugal vinha a História que, para além de motivo de reflexão académica, chegou a ser moda adoptada sem reservas. Reflexo muito claro disso foi o extraordinário êxito editorial de uma *História de Portugal* (1992-1995) em oito volumes, dirigida por José Mattoso, que noutras circunstâncias seria obra de referência para estudiosos, mas que, tendo engrenado na lógica de difusão do clube de leitores (a edição era justamente do Círculo de Leitores), veio a conhecer o extraordinário êxito que as dezenas de milhares de exemplares vendidos flagrantemente patenteiam. E não foi esse o único caso.

Associada à História estava a questão da identidade. José Mattoso apontava ele mesmo nesse sentido: um seu "ensaio sobre as origens de Portugal", publicado em 1985, intitulava-se *Identificação de um País* e conheceu também apreciável sucesso editorial, muito para além do universo dos medievalistas, seus imediatos destinatários. Portugal e a sua identidade estavam, portanto, na moda; e não deixa de ser sintomático que um dos mais destacados (e actualmente o mais admirado) dos exegetas dessa identidade e do correlacionado destino português, Eduardo Lourenço, fosse alguém que olhava o país de fora, ou seja, de um lugar que, não sendo estritamente de exílio, implicava um afastamento que outros (Ribeiro Sanches, Verney, Garrett, Eça, Jorge de Sena, Manuel Alegre), por variados motivos, haviam conhecido, paradoxalmente com benefício do olhar desassombrado e a vários títulos subversivo que souberam lançar sobre a pátria. Mais tarde, por razões que agora não vêm ao caso, o próprio José Saramago viria a conhecer semelhante distanciamento.

Este texto faz parte da introdução a uma edição ilustrada de Memorial do Convento, a publicar pela editora Modo de Ler. A ilustração de João Abel Manta que reproduzimos nestas páginas integra o mesmo volume.

João Abel Manta Artista plástico





José Sucena

Administrador da Fundação

O porquê da Fundação José Saramago

Não vos peço muito, peço-vos tudo.

● Assim termina a “Declaração de Princípios” que José Saramago redigiu como complemento do objecto da fundação que leva o seu nome, que determina o estudo e a difusão da obra literária do Escritor e, em geral, da Literatura e Autores de Língua Portuguesa.

Instituída na lógica natural da linha recta que foi a vida de José Saramago, em relação à qual assumiu como uma das suas obrigações vitais servi-la, a Fundação José Saramago, de acordo com a vontade declarada do seu Instituidor, também deverá preocupar-se e agir na defesa da liberdade, da justa repartição da riqueza produzida, do direito à educação, à saúde e à habitação, do acesso às “coisas da cultura”, em suma, agir na defesa integral dos Direitos Humanos que a Declaração de 10 de Dezembro de 1948 consagrou, mas que os seus subscritores se esquecem amiúde de cumprir, e também na defesa do meio ambiente e da tomada de medidas que permitam a reversão da actual situação de aquecimento gradual e global do planeta.

Este é o “tudo” que José Saramago nos pediu e que nós, na fundação, enquanto incondicionais amigos do homem e admiradores da obra, assumimos com entusiasmo e, ao mesmo tempo, com a gratidão de podermos ser sujeitos activos em tão empolgante e gratificante tarefa.

E foi assim que promovemos e colaborámos na realização da exposição *A Consistência dos Sonhos*; homenageámos as letras portuguesas com a leitura e canto de 25 autores – romancistas e poetas – portugueses; realizámos sessões de evocação ou homenagem a Jorge de Sena, José Rodrigues Miguéis, Jorge Luís Borges e Juan Gelman; promovemos concertos e recitais de dança; editámos dois livros e colaborámos noutros; promovemos a exibição de um filme e de uma conferência com o juiz Baltazar Garzón, ambos no âmbito da defesa dos Direitos Humanos; abrimos uma extensão da fundação em Azinhaga com biblioteca, Internet e um museu que já foi visitada por milhares de pessoas, entre elas cidadãos de mais de 12 países estrangeiros; levámos a mais de três mil alunos do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico de todo o país um *atelier* baseado no livro e no DVD *A Maior Flor do Mundo*; mantivemos diariamente actualizada na página oficial da fundação toda a informação que no mundo se refere a José Saramago; e mais, e mais, além de outras iniciativas programadas para o corrente ano, uma das quais já realizada.

Fazemos três anos no dia 29 de Junho, estamos orgulhosos do trabalho desenvolvido e com coragem para o continuar porque, de facto, a realidade já mostrou que valeu a pena José Saramago ter instituído a fundação. Iremos continuar com o mesmo empenho, agora em homenagem ao Homem solidário e generoso, ao Escritor universal, ao maior Embaixador de Portugal no mundo, ao Lutador pela Liberdade e pelos Direitos Humanos. Ao Amigo.

Não nos pediste muito, continuaremos a dar-te tudo.

valter hugo mãe

Escritor

As últimas leituras

● Leio na imprensa que *a máquina de fazer espanhóis* está entre as últimas leituras de Saramago. Sei bem do apreço que Saramago nutria pelo que escrevo, e tenho-o agradecido várias vezes, confiando que leria também o meu mais recente romance, até mesmo enviando notícia disso sempre com aquele abraço tão cordial e amigo que me dedicou. No entanto, o que me toca é ver o exemplar que assinei para ele ainda sobre a minha secretária, entre os meus papéis desorganizados, à espera da coragem do envio, à espera da coragem.

a máquina de fazer espanhóis foi o meu modo de perscrutar a terceira idade numa perspectiva algo disfórica que vai procurando entender, e talvez aceitar, o declínio de cada faculdade, o declínio de cada coisa. Quem nos conta a história tem 84 anos e aprende a perder, perdendo sempre até aprender a morrer. É fácil de entender porque não envie o livro a Saramago, covardemente deixando-o sobre a secretária à espera da carta perfeita para lho explicar e, talvez, pedir-lhe excepcionalmente que prescindisse de o ler. Tive medo de o magoar. Eu tive verdadeiramente medo de o magoar.

Ainda ontem uma senhora me disse ter gostado muito do livro, mas se acontecesse de lhe pegar daqui a dez anos nunca o teria lido, para se preservar do modo impiedoso como aborda as questões, despindo cada assunto de rodeios. Compreendo, e aceito, que um leitor mais velho não queira enfrentar um livro assim que, não pretendendo ser cruel, pode magoar pela forma sem concessões como expõe um percurso plausível da terceira idade. A mim o livro magoou-me como me deixou feliz e enterneceu, e deixou-me convicto de que se comporta sobretudo como uma partilha, pela sondagem que faço de um tempo da vida que, não sendo o meu, me impressiona e me merece respeito.

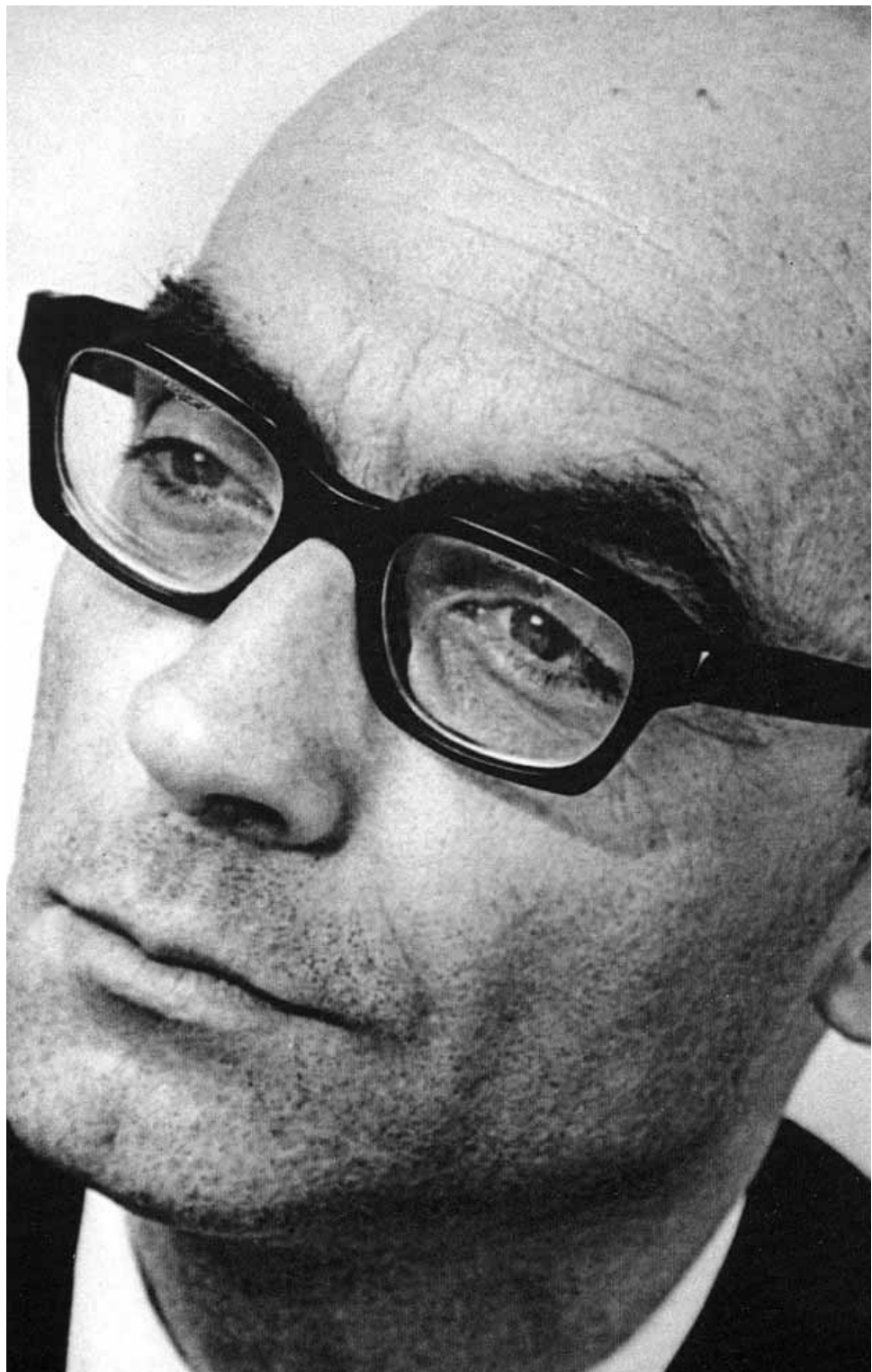
Acho que o que quero dizer é que o carinho que tinha por Saramago me inibiu de lhe enviar um livro que talvez lhe sugerisse uma ideia menos feliz da vida aos 80 anos.

Sinto-me um pouco palerma. Recebi a notícia do desaparecimento de Saramago num autocarro de *sightseeing* no Dubai. Um calor de muitos graus

acima dos 40 e a pensar que a vida por ali era feita de churrascar o corpo até a alma ser um exercício impossível. Sinto-me um pouco palerma porque à medida da minha hesitação nunca corresponderia uma incapacidade de Saramago. Ele foi sempre muito mais forte do que o meu medo quis julgar, e isso lho disse quando subitamente o Dubai se tornou mesmo o cenário ilusório de algo que não podemos acreditar que exista. Quando estamos onde não parece possível existir, cada coisa se pode tornar outra e as fantasias levantam-se entusiasticamente. Pois ainda pensei que o calor e a aridez da luz e das ruas fosse um modo de comunicar com a morte e foi como pedi desculpa a Saramago por ter atrasado o envio do livro, ainda sem saber que ele o teria lido, que o teria conhecido de qualquer modo, à revelia do meu adiamento.

Há uma paternidade qualquer num escritor assim, uma paternidade que atribui ao leitor uma filiação honorária, muito peculiar e sensível. Sou um rapaz de 38 anos e cresci a ler Saramago, Lobo Antunes, Herberto Helder, Lídia Jorge, Maria Velho da Costa, Al Berto, Nava, Cesariny, entre tantos outros. Lembro-me das tricas, das entrevistas, as feiras do livro com filas de autógrafos e muita ansiedade, os leitores de uns e os leitores de outros, o modo como por vezes nos parecem obrigar a optar. Cresci com gerações de escritores mais velhos que foram participando na minha festa de leitura, na minha alegria de leitor, essa celebração contínua de viver a descodificar o mundo pelas palavras. Toda essa gente serve de meu parente em algum sentido, porque toda essa gente me trouxe algo, cuidou da minha formação, produziu em mim a imaginária intimidade que opera entre quem passa por um mesmo livro.

Por isso, tenho um respeito e admiração muito grandes pelos meus escritores. A morte de cada um, algo se impede entre nós que reveste para mim um lado profundamente trágico, e eu sei o que é. Tem que ver com a minha vontade de lhes responder, de lhes agradecer, num retorno humilde de quem se reconhece também através deles. Vai fazer-me muita falta a presença de Saramago, nem que seja para que eu me volte a acovardar, por carinho, por respeito, na expectativa de que a sua vida se preserve de algum sofrimento desnecessário. Vai fazer-me falta pensar em preservá-lo de sofrimentos desnecessários e desejar que esteja feliz, igual ao que desejo a quem me pertence.





José Saramago,
1966. Arquivo
Fundação José
Saramago

Fernando Meirelles

Realizador brasileiro

Uma verdade rara no cinema

● Não li todos os livros de José Saramago mas li muitos deles. Mesmo assim, por ser apenas um leitor comum, não me sinto preparado para fazer considerações sobre sua obra, me restando apenas escrever brevemente sobre o homem que conheci e admiro.

Tive a felicidade de conviver um pouco com o José e com sua extraordinária mulher, Pilar, em função da adaptação que fiz para o cinema de seu *Ensaio Sobre a Cegueira*. Em encontros em Lisboa, Madrid ou São Paulo, tivemos um contacto rápido mas muito afetuoso. Apesar disso, acho que realmente só vim a conhecê-lo mesmo ao assistir o documentário *José & Pilar*, que o documentarista Miguel Mendes está terminando de montar e do qual tenho o orgulho de ser um dos co-produtores.

O Miguel acompanhou o casal em suas casas de Lanzarote e de Lisboa e em suas viagens pelo mundo. Como foram três anos de gravações, conforme contou o próprio José, num momento a câmara deixou de ser uma intrusão e passou a fazer parte de suas vidas e o Miguel se tornou uma pessoa da família. Por causa desta transparência adquirida, esta câmara foi capaz de revelar uma intimidade e uma verdade rara no cinema nos permitindo ver um lado escondido atrás

da expressão quase sempre séria deste homem, sua generosidade, sua ternura e também seu afiadíssimo senso de humor.

José & Pilar é uma comovente história de amor entre uma mulher mais jovem e um homem de oitenta e cinco anos que sabe que a porta de saída está se aproximando e tem pena de morrer. Em muitos momentos, Saramago reflete sobre o dia em que não mais estaria aqui, fala sobre isso com certa tristeza mas com tranquilidade. Ele combatia as religiões e não via nenhuma possibilidade de outras vidas além desta que chegava ao fim. Por esta postura poderia ter-se tornado um cínico, mas pelo contrário, sem os filtros da fé enxergava a vida de forma objetiva e lúcida e esta postura deu-lhe a dimensão exata do valor da vida. Impressiona ver como ele se agarra a seu trabalho como se imaginasse que através de cada leitor pudesse estender um pouco sua permanência aqui. Mas isso ele não faz por vaidade, é com tranquilidade que ele nos lembra que um dia toda a sua obra será esquecida, e completa, *Os Lusíadas* também desaparecerão, assim como a humanidade e qualquer rastro de memória de que houve um dia este pequeno planeta perdido no universo.

Carlos Pinto Coelho

Jornalista

Os dois Saramagos que conheci

● Foi a tarde em que todos os demónios invadiram o meu *Diário de Notícias*. Pelos corredores fervilhavam inquietações e boatos. O sr. Raimundo, o mais antigo contínuo da Redacção do jornal, vem dizer-me que sou chamado ao gabinete do director. Meia hora depois tomo conhecimento de que estou despedido (ou “saneado” como então se dizia). Exactamente um ano depois da alegria dos cravos.

Na vetusta “sala verde”, onde Augusto de Castro vivera as suas gloriosas décadas de director do *Diário de Notícias*, estava agora José Saramago à secretária, rodeado de gente. Era ele o recém-chegado director adjunto do jornal, designado pelo Partido Comunista para conduzir o *Diário de Notícias* pelos caminhos da revolução, general com poder para movimentar o que houvesse que movimentar. Mas não foi ele quem me recebeu, antes um jornalista chamado Luís de Barros, militante que o partido designara director do jornal. De modo que foi Barros quem me transmitiu, de forma atabalhoada, a sentença ditada por Saramago. Não soube do que era acusado, nem ouvi menção a faltas, crimes ou desvarios, ideológicos ou outros. Soube apenas que estava na rua (“saneado”) e ponto final. Tinha entrado, pura e simplesmente, na enxurrada de “reaccionários” e “fascistas” em que milhares de portugueses fomos embrulhados pela turba cega que tinha tomado as rédeas dos órgãos de informação.

Lembro-me de que o meu convicto carrasco me conduziu à porta do seu gabinete, contíguo à “sala

verde”, e que, nesse momento, olhei uma última vez para o Supremo Inquisidor. Continuava à secretária, rodeado de gente, sereno, hirto, distante. Dominador.

Anos e anos se passaram. Nas voltas da vida, Saramago é banido do *Diário de Notícias* e escreve os seus melhores romances, eu vou para a televisão e faço o *Acontece* na RTP 2. E um dia encontramos, ele escritor prestigiado, eu jornalista conhecido. Foi no restaurante do campo de golfe de Tróia. Um almoço volante onde estavam dezenas de jornalistas e escritores, já não me lembro porquê.

Vejo-o sozinho a uma mesa. Pego no meu café, aproximo-me, cumprimento-o. Sou retribuído com um sorriso e convite para me sentar. Pergunto: “O Saramago acha-me um reaccionário ou um fascista?” Olha-me, perplexo: “Que pergunta, Carlos!” Recordo então a tarde em que todos os demónios invadiram o meu *Diário de Notícias*. Ele, atento, assombrado, a ouvir. Eu, sereno, a esmiuçar os mil detalhes que carregava na alma. E foi quando, levantando-se pesadamente, com todo o vagar do tempo inteiro, um Saramago formalíssimo, quase solene, mas também subitamente abatido como se alguma rajada de vento mau por ali andasse, murmurou qualquer coisa que não percebi à primeira. Ele repetiu: “Peço-lhe perdão.” E estendeu-me a mão. Avancei um abraço.

No exemplar do *Memorial do Convento* que anos depois me autografou, guardo o seu abraço “com amizade (muito mais do que as palavras...)”.

Maria Alzira Seixo Professora de Letras

Escrever com os outros

● A questão do “outro” é primordial em José Saramago. Desde os livros de poesia, dos anos 60, e de crónicas, de inícios de 70 (*Deste Mundo e do Outro* é um desses títulos), a alteridade está na sua escrita. Na diversidade dos géneros (poesia, crónica, conto, teatro, romance, diário), em temas e cenários da obra, na representação das relações humanas. Sabemos como ele escreveu muito com Isabel da Nóbrega (a autora de *Viver com os Outros*), escreveu muitíssimo, e a par de, Pilar del Río (que o fez feliz na vida e na morte, com o seu sorriso inextinguível), escrevia com os amigos, a quem gostava de narrar as histórias dos textos, e a quem costumava responder, se lhe perguntávamos a razão das coisas (eu, por exemplo, quando contou que, na *Jangada*, se abria uma fenda nos Pirenéus): “É assim!” O outro, o estranho, o diferente - era assim, entidade e representação imaginária.

O fantástico das narrativas de *Objecto Quase*, a oscilação de ideais em *O Ano de 1993*, acrescida aqui do uso da escrita versicular que inculca com poesia um texto de cariz

narrativo, culmina em *Memorial do Convento* na representação de outros modos de ser e existir: a humanidade de Baltazar unindo-se à capacidade sobrenatural de Blimunda, com forças conflituais em volta: tanto a insciência quanto a experimentação científica, a arte como meio de atingir o bem e o poder como possível exercício do mal, enredando a acção que tende a apagar maniqueísmos exaltando a faculdade de discernir.

O tratamento da História, nos seus romances, pode ler-se como apresentação do contemporâneo através de um tempo “outro”, que pela dimensão passada se torna verificável e exemplar. Tratando-se centralmente da história pátria, a visão do “outro” torna-se reflexão sobre o “mesmo” (o que do outro pode tocar o “eu”, ou a inserção desse eu na mesmice, na rotina, na preguiça de não pensar), mas alcança, nesse “mesmo”, o que o torna específico e dele faz uma pessoa, isto é, marca-lhe a identidade. Este modo multifacetado de comunicar Homem e Tempo integra-se na visão dialéctica do seu marxismo, e

certo é que proporciona excelente matéria de acção romanesca e activação do pensamento do leitor, que nunca lhe fica indiferente.

É curioso ver como isso se elabora em *Levantado do Chão*, que fez de Saramago um grande romancista. Aí a História confunde-se com as raízes da terra e faz do contemporâneo um actual que se quer dar como “histórico” no sentido de “o que fica”, “o que marca”, e que, como não ficou (a Reforma Agrária), se tornou afinal em romance histórico no sentido corrente; quando o que ele contém é actualidade pujante, seiva fresca, pulsação humana a vibrar. E o continente disso é a tal frase nova, a frase saramaguiana cadenciada em pontuação reduzida, para fazer da escrita o impulso de um sentir verbal contínuo, em pensamento e acção, proverbial e litaníaco, que o autor diz ter-lhe surgido algumas páginas após o início da escrita, por imposição de uma necessidade interior não racionalizada. É, pois, uma frase “outra” que constrói também.

A concepção da alteridade marca os romances futuros: em personagens (com o tema do duplo

e do desdobramento: *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *O Homem Duplicado*); em territórios (com cataclismos e inesperadas junções: *Jangada de Pedra*, *A Caverna*), em comunidades e crenças, sendo

nesto caso *A História do Cerco de Lisboa* uma das obras mais notáveis da literatura do século XX, até pela mutação do olhar sobre o islamismo. Surge o problema religioso, com dimensões cujo alcance moral se inverte (sobre cristãos e sarracenos) de modo a que se leia a História dos dois pontos de vista e de sensibilidade. Sobre religião escreveu amiúde Saramago: em teatro (o que sublinha o alcance dramático do tema) e no romance. Sendo ateu, a religião cristã é para ele uma forma outra de encarar o mundo. Dai que *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, mais que libelos anticristãos, sejam construções literárias em que a actuação religiosa é criticamente considerada, e, de muito positivo, fica da leitura de ambos o convívio interessado com os textos sagrados, mais intenso em Saramago que em muitos cristãos que conhecemos. Da obra última, tocam-me *As Pequenas Memórias*, o

belíssimo *Intermitências da Morte*, o inesperado *A Viagem do Elefante*. A morte é o grande Outro, na acepção lacaniana do misterioso que nos anula, e o animal dócil e majestoso figura o humano, presa da viagem instável da vida, que é recorrente em Saramago, seja em busca de outras paragens, seja em busca da matriz do ser. Para ele, foi luta difícil e afirmação feliz, vivida na inquietação do desgoverno do mundo e na ansiedade do bem dos outros.

A estrela, como motivo literário nessa viagem, guia e fortuna, emerge em *Deste Mundo e do Outro*: “quando pusermos os olhos no céu estrelado, não esqueçamos que os pés assentam na terra e que é sobre esta terra que o destino do homem (esse nó misterioso que queremos desatar) tem de cumprir-se” e continua premonitivamente presente em *Jangada de Pedra* (12 anos antes da atribuição do Prémio Nobel) em frase lapidária que constitui a síntese do percurso de vida de Saramago: “Mesmo que a rota da minha vida conduza a uma estrela, nem por isso fui dispensado de percorrer os caminhos do mundo.”

Manuel Gusmão

Ensaísta

A vara de negrilho

Quando Joana Carda riscou o chão com a vara de negrilho, as penínsulas rasgaram o tecido dos continentes e mergulharam no Poema do Mar, perante o olhar amarelado dos cães que perseguiram em vão a gazela da Ibéria.

Quando com a vara de negrilho Joana Carda riscou o chão, Ricardo Reis tomou para si a compaixão que um casal de velhos dedicava aos marinheiros revoltosos e desamparado resolveu morrer, na luz da tarde que sem remédio arrefecia.

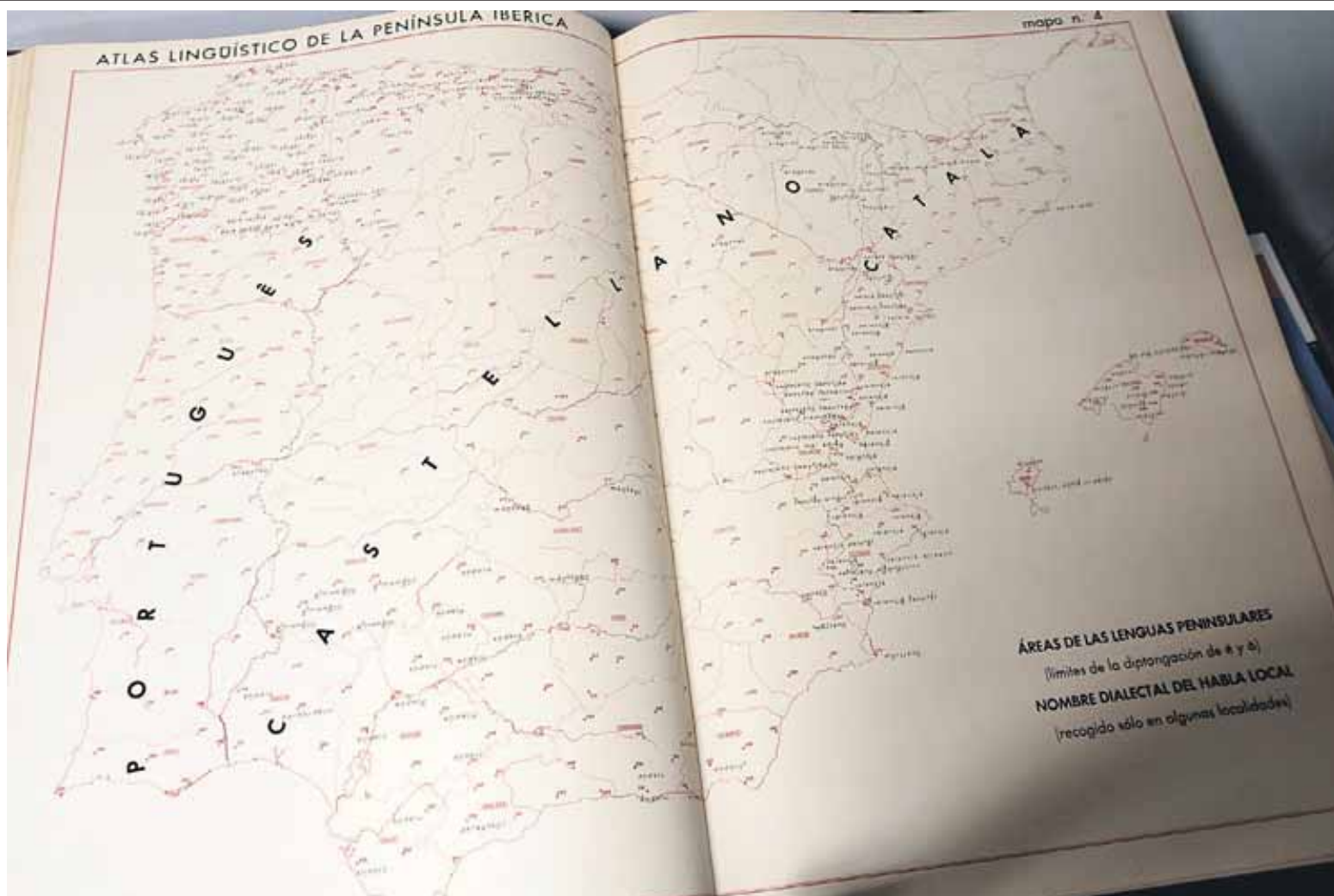
Quando com a vara de negrilho riscou Joana Carda o chão ocidental, os cães dispuseram-se em ordem de combate: primeiro, os cães de uma só cabeça que se inspiravam nos sonhos do seu lobo; depois, os cães de duas cabeças que apontavam,

- mas com qual delas? - na direcção da fronteira e, finalmente, os cães de três cabeças, os *cérberos* que às ordens de Caronte uivavam à lua vermelha que subia ou descia no abismo celeste para que os mortos pudessem chegar a bom porto.

Quando Joana Carda com a vara de negrilho riscou o chão, Ricardo Reis e Fernando Pessoa sentaram-se num banco de namoro entre exíguas pimenteiras e morriam ouvindo o sangrento clamor dos cães transparentes que choravam o exílio de Cesário.

Quando as mil e uma vozes do mundo do silêncio se puseram a ladrar ao mesmo tempo e a maior onda se ergueu sobre a terra da margem, os construtores souberam

que aquela era a passagem por onde poderiam passar.



Luísa Ferreira
Fotógrafa

António Pinho Vargas

Músico e compositor

Pensar (as artes) com Saramago, escritor

● A literatura - a poesia, o romance - é, há séculos, a manifestação artística com a qual os portugueses mantêm uma relação mais profunda. Ao ponto de, por vezes, quase se confundir a cultura portuguesa no seu todo com a sua literatura. Outros países, tendo igualmente ricas tradições literárias, não a vivem ao ponto de essa primazia quase suprimir ou minorizar as outras expressões artísticas. Pergunto-me porque é que tal se verifica.

Devo dizer imediatamente que a minha admiração por José Saramago não tem limites. Na estranha tristeza que me atingiu quando soube da sua morte veio-me à mente que “vivi no tempo de Saramago”. Ou seja, para mim, ele não era apenas ele. Era mais do que ele. Era um tempo.

Primeiro, a história de vida que mais parece saída de uma antologia de *Contos Maravilhosos*: nascido muito pobre na Azinhaga acaba por receber um prémio das mãos de um Rei; seguindo, antes e depois do 25 de Abril, uma parte da sua vida confunde-se com a exaltação colectiva de muitos e de seguida com alguns erros da “estupidez da esquerda”. Finalmente, depois de uma não reintegração (uma forma democrática e simétrica de purga) nasce primeiro um tradutor e depois um escritor. Cada livro realiza em arte uma forma de pensar Portugal (e o mundo), momentos da sua história passada ou futura, com grandes metáforas - levantar do chão, jangada, cegueira, lucidez; inventa personagens de uma beleza humana inesquecível; abre pequenos *intermezzos* auto-reflexivos sobre a linguagem e os seus diferentes tempos; enceta um confronto provocador mas criativo com crenças decorrentes dos textos sagrados do cristianismo, mostrando-nos (até ao fim) a dimensão da desgraça que é para Portugal ter a direita que (ainda) tem. Finalmente adquire a possibilidade de dar a sua opinião (certa, discutível ou errada, pouco interessa) sobre o estado do mundo quando bem entende, coisa pouco comum em antigos serralheiros. No entanto, alguns outros aspectos laterais podem ser abordados.

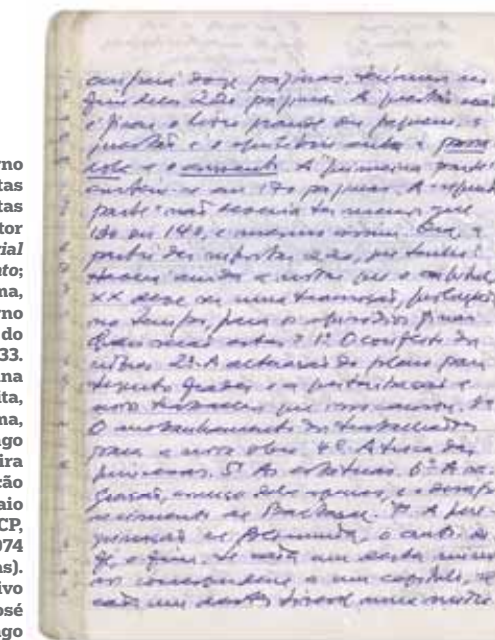
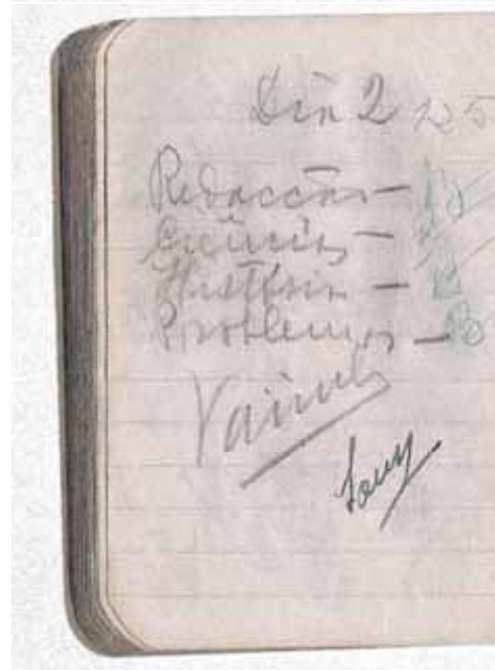
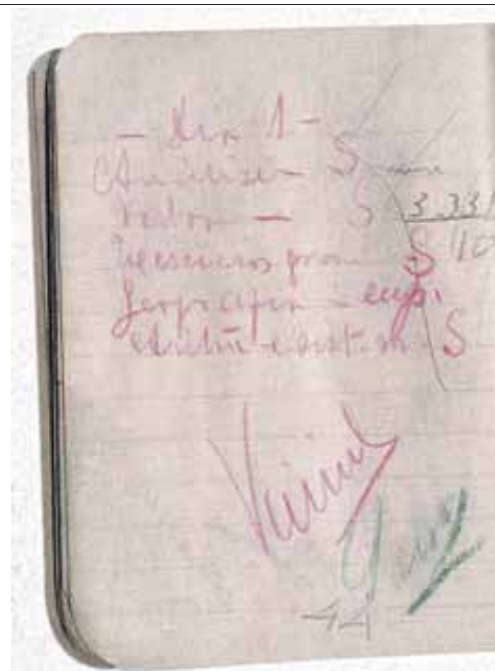
Alain Badiou, na sua *Inestética*, inicia o capítulo *Uma tarefa filosófica: ser contemporâneo de Pessoa* da seguinte forma: “Pessoa, falecido em 1935, só foi conhecido em França de forma um pouco mais vasta, cinquenta anos mais tarde. Eu também participei nesta demora escandalosa” (1999: 57). O que Badiou talvez não saiba é que a demora que atingiu o conhecimento da obra de Fernando Pessoa em França é uma característica da relação da cultura portuguesa, no seu todo, com a Europa e o mundo e foi-o na literatura até meados dos anos 80. Os escritos de Eduardo Lourenço ensinam-

nos que a relação de Portugal com a Europa foi sempre uma relação de distância e diferença mais do que propriamente de pertença. No artigo *Nós e a Europa: Ressentimento e fascínio*, pode ler-se: “O que a disjuntiva revela é a consciência de uma distância, de uma marginalidade, talvez sobretudo, de uma como que fatal dependência ou inferioridade do tipo de cultura, e dos exemplos mais elevados [...] as estrelas fixas do céu cultural europeu” (1994: 25).

Mas, como sublinhava Georges Steiner em *An exact Art* (1982) “ser um escritor numa língua ‘menor’ é um *complex fate*. Não ser traduzido, e especificamente não ser traduzido para inglês, é correr o risco de ser extinto. [...] Romancistas, dramaturgos e até poetas sentem isto dolorosamente. Têm de ser traduzidos para as suas obras, para as suas vidas virem a ter a hipótese legítima de chegar à luz”. Refere ainda que “a presença nos Estados Unidos de um pequeno grupo de tradutores talentosos e produtivos do espanhol foi decisiva para dar à ficção e ao verso latino-americano a sua recente incandescente elevação. Concomitantemente, a relativa pequenez de tradutores do português significou que o romance brasileiro tenha ficado largamente desconhecido” (*ibid.*: 199).

Neste contexto, os eventos culturais organizados pelo Estado português nos anos 1990, nomeadamente a EuroPália e a Feira de Frankfurt, foram tentativas levadas a cabo no sentido de retirar a língua e a cultura portuguesa da fatalidade do seu destino de língua menor. Pessoa, Saramago, Lobo Antunes e outros escritores beneficiaram merecidamente dessas acções.

Mas considerar que Saramago é um grande escritor porque ganhou o prémio Nobel é diminuí-lo e mostra uma forma de provincianismo tenaz. Delega a autoridade de consagrar nos “europeus”, no fascínio que exercem, e assim reproduz o complexo de inferioridade. Penso ser fácil explicar porquê. Caso não o tivesse ganho, alguma vírgula sairia do seu lugar nos seus livros? Algum verbo seria misteriosamente substituído por outro? Se porventura tivesse sido outro escritor português a obtê-lo, como bem poderia ter acontecido, as obras de ambos tornar-se-iam outras? De modo nenhum. A única coisa que o prémio alterou foi a dimensão da sua recepção. Tal como para Pessoa, para que outros soubessem, foi necessário haver traduções, principalmente para inglês. Tradução no sentido estrito. Mas a tradução deve ser vista no seu sentido mais amplo, como forma de criar trocas culturais em regime de igualdade. Não é o que acontece. É esta incapacidade de as levar a cabo que localiza grande parte das outras formas de arte em Portugal.



Caderno com notas manuscritas do escritor para Memorial do Convento; Em cima, caderno escolar do escritor, 1933. Na página à direita, em cima, Saramago na primeira comemoração do 1.º de Maio pelo PCP, Azinhaga, 1974 (FotoLucas). Arquivo Fundação José Saramago

Hélia Correia Escritora

Fábula do Convento

● Republicano, o meu avô materno era o homem de caça de Dom Carlos. O rei chegava a Mafra e exigia “o seu Quintas” que conhecia, como nenhum outro, os pobres bichos da Tapada e os seus ardis. Fiel ao seu ideário, o meu avô jamais lhe chamou “Vossa Majestade”. “Senhor Dom Carlos” era o mais que lhe arrancavam, e o “Vossemecê” vinha a seguir. Não se curvava para o beija-mão, afirmando que apenas beijara a mão da mãe. O rei, porém, passava a vida a reclamá-lo.

Esta história corria na família, a par com a das origens escocesas. A minha mãe chorava quando ouvia tocar gaita-de-foles, o meu pai não deixava de sorrir à evocação de um rei que tolerava um republicano no seu séquito e se deixava assim tratar - só porque queria obter bons resultados nas caçadas. A criança que eu fui ouvia isto e o Convento era só pedra e memória.

Pelos finais dos anos 40 houve um tremendo surto de prisões.

Por certo as criaturas da polícia política não tinham em logística a competência de que em tortura davam tantas provas. Alguns dos presos, entre os quais meu pai, tiveram de esperar pelo transporte e foram encerrados no Convento (na masmorra do Sul, para ser precisa), onde, entre podridão e ratazanas, ficaram essa noite. O episódio chegou ao meu conhecimento, vindo nem sei de onde. São as vozes do tal vento que passa. Não mo contou meu pai, que velou sempre para me poupar ao medo. O facto é que, mais de meia década depois, eu ainda me afastava dos companheiros de brincadeira e ia espreitar para baixo, semideitada sobre a vastidão do muro. Imaginava os meus heróis na escuridão e, confundindo facilmente as fantasias, pensava nos cenários medievais. O Convento era só pedra e terror.

Nós, crianças de Mafra, não podíamos ser acusadas de xenofobia. Todo o recém-chegado

se via, de algum modo, levado em ombros pela nossa curiosidade. Os meninos do circo, então, brilhavam de uma espécie de brilho natural, na sua qualidade extraterrestre que os dotava de um corpo plástico e invulnerável. Eles deslizavam entre as balaustradas fazendo admiráveis contorções e, ao partirem, deixavam-nos num estado de plena insensatez, cheios de feridas. Um outro grupo, quase tão efêmero como o do circo, era o dos filhos de militares. A ala sul do Convento albergava a Escola de Infantaria e os andares superiores haviam sido adaptados para habitação. Capitães e majores ocupavam-nos com as suas famílias, por uns tempos. Assim, pois, convidados pelos novos amigos, que pareciam sazonais como andorinhas, nós tínhamos acesso aos corredores, à descida e subida das escadas onde sentiam frio os soldadinhos e onde, às vezes, tratávamos de soltar borboletas para que o quartel se embelezasse um pouco. Ao som

de uns batimentos compassados de origem misteriosa dividiamonos entre os supersticiosos, que ainda acreditavam num Capitão-sem-Cabeça a cumprir penitência no lugar, e os positivistas, que troçavam da palidez e da paralisia que acometia alguns e a mim entre eles. Claro que, estimulados pelo medo ou pela auto-estima de o enfrentar, fugíamos às vezes uns dos outros com grande risco de ficarmos todos perdidos naquele espaço desumano. O Convento era pedra e desamparo.

Do Convento emanava também uma luz negra, a da grande Basílica com os seus mármore, odor a cera e incenso, e os seus ecos. Havia em Mafra uma mulher perturbadora que vestia de roxo até aos pés e era apupada pelo rapazio. Parecia-me, pois, que aqueles santos, vergados sob as dobras dos cetins, não estavam tristes, mas preocupados com o facto de uma entre eles ter saído do seu altar e vaguear, murmurando, pela vila. O que

mantinha os outros imóveis nos seus cantos era menos a fé que a disciplina. Porque a mulher rezava o tempo todo, mas mostrava uma forte irrequietude. Os meus amigos não me acompanhavam naquelas excursões cerimoniais e a minha mãe, depois de um primeiro pânico, habituou-se a ir à missa procurar-me. Eu via em tudo aquilo uma tragédia e uma narrativa. Havia dor. Porém, algo falava de uma outra história que ainda estava por contar, a de quando aqueles santos todos se cansassem da sua condição inanimada. Supunha eu que os cânticos e as velas, a música do órgão, os tapetes feitos com muitas flores na Primavera, funcionavam como um desafio a que eles acabariam por ceder. Entretanto, expulsaram-me dali. Filha de um comunista, carregando a sujidade do pecado original, não podia pisar o chão da igreja. Fiquei de fora. Os santos não se libertaram. O Convento era apenas pedra e ferida.

Júlio Pomar Pintor

Os carpinteiros, 1953

De Júlio Pomar a Ricardo Reis No ano da morte de José Saramago

Não te despeças de mim
Não gosto de despedidas
Sabes bem não sou assim
Um gato de sete vidas

Tenho uma não sei se chega
Porque em gostar ponho gosto
Em Janeiro pinto Agosto
Na bosta da cabra cega

Onde me joga no fundo
Abafador proxeneta
Entre restos do planeta
Dos berlines contra mundo

Que nada abafa mas sente
O disparar duma seta
A disparatar na mecha
Dentro da cova dum dente

Sem dizer adeus a quem
Não gosta de despedidas
Meu querido fizeste bem
Esta lebre está corrida



Associação
Portuguesa
de Escritores,
Lisboa
Fundação Júlio
Pomar

Harold Bloom

Crítico literário americano

“A literatura vai sentir sua falta”

Não é vingança o tema desta fábula; é, sim, muito simplesmente, redenção. E como podem pedra e História, terror e desamparo e ferida, redimirem-se, se tudo entra na carne e já não sai? Pois podem, se os tocar a mão de um homem. Pois podem, se os olharem os seus olhos. Assim se fez. E aquilo que esmagava, o pedestal que suportava a igreja e a monarquia, a ditadura e o exército, abateu. Transformaram-se, o peso e a espessura, e transformou-se a própria duração. Continuamente vemos o trabalho que levanta do chão aquele Convento, e vemos os amantes, os que voam. Como um livro - que mede pouco mais do que um palmo - cobriu um gigantesco monumento é a questão que nos devemos pôr de maneira a ficarmos otimistas. Se o Convento ganhou o nosso afecto graças àquilo que nunca aconteceu a não ser nas palavras de um escritor, é porque a humanidade se comove mais com o sonho criador do que com reis.

● Eu conheci José Saramago há dez anos, quando estivemos juntos na Universidade de Coimbra e iniciamos uma troca de correspondência. Naquela época, eu já escrevera alguns ensaios entusiasmados sobre sua obra e o considerava um homem notável. Claro que houve o controverso período da ditadura de António Salazar, quando ele foi acusado de se manter distante dos horrores daquele momento político. Na verdade, isso não me interessa - prefiro vê-lo como o escritor que deixou ao menos oito romances de grande qualidade. Trata-se de um feito raro. Em meu país, creio que Philip Roth tem, por enquanto, duas obras incomparáveis, assim como outros nomes talentosos: Thomas Pynchon também tem dois livros memoráveis, enquanto Don DeLillo e Cormac McCarthy despontam com apenas um cada. Volto a dizer, isso é notável. Saramago também era autor de textos bem-humorados, ao contrário do que atacavam seus críticos. (...)

Para mim, Saramago tanto escrevia comédias deliciosas como romances tenebrosos e melancólicos. Mas ainda estou convencido de que seu melhor romance continua sendo *O Evangelho segundo Jesus Cristo*: corajoso, polêmico contra o cristianismo em particular mas contra as religiões em geral. Há poucos livros que consigam tratar Cristo e o catolicismo sem

se sujeitar a um respeito obrigatório. Aqui, Saramago conseguiu, assim como D. H. Lawrence e, em menor grau, Norman Mailer. Creio que, entre os premiados com o Nobel de Literatura nos últimos anos, ele foi quem realmente mereceu. (...)

Ele se tornou um homem iluminado ao se mudar para as Canárias. Saramago foi infeliz em seu primeiro casamento, assunto do qual pouco conversamos. Mas reencontrou a felicidade com Pilar, uma mulher mais jovem, bonita, interessada em seu trabalho. Isso influenciou seu trabalho. Como em *A História do Cerco de Lisboa*, em outros romances, houve maior exaltação do amor heterossexual. Lembro-me de poucos livros do século 20 e mesmo do início do século 21 que trataram a paixão de forma tão charmosa. Outro romance que me surpreendeu foi *As Intermittências da Morte*, cujos personagens têm sua rotina modificada tanto pela Morte, que entra em greve, como por um violoncelista que gosta da *Suite Nº 6 para Violoncelo* de Bach. Trata-se de uma memorável forma de se utilizar a imaginação.

Excertos de uma entrevista que Harold Bloom deu no dia da morte de José Saramago ao jornalista Ubiratan Brasil e que foi publicada no jornal *O Estado de São Paulo* a 19 de Junho de 2010

PUBLICIDADE

casa da música

CHUCHO VALDÉS

& THE CUBAN MESSENGERS

ALEJANDRO VARGAS NEWTRIO

DOM 27 JUN
22:00 PRAÇA | € 15
CICLO JAZZ GALP

O instrumentista virtuoso e figura patriarcal do jazz latino Chucho Valdés, dono de uma extensa discografia e de 5 Grammys, apresenta o novo octeto, The Cuban Messengers, pela primeira vez em tournée na Europa.

Com uma inspiração estética oriental e uma linguagem que remete para a música popular rural, o folclore cubano e o jazz, o trio de Alexandre Vargas abre esta noite dedicada ao jazz latino de origem cubana.

www.casadamusica.com | T 291-420 220

APÓIO: TURISMO DE PORTUGAL
PREMIADO POR: SALA DE CONCERTOS
PREMIADO POR: FUNDAÇÃO DE SERRALVES
PREMIADO POR: SODAE
APÓIO INSTITUCIONAL: MJC
PREMIADO POR: BPI

Próximo Futuro / Next Future

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Programação: António Pinto Ribeiro

HOJE - 26 JUNHO

LIÇÕES
18+30 - Auditório 2
PABLO BRUGNOLI
Ciudad Sur

TEATRO
21+30 - Grande auditório
HECHOS CONSUMADOS
COMPANHIA TEATRO LA MEMORIA

AMANHÃ - 27 JUNHO

PROGRAMA DESCOBRIR
11+00 - 21+30
PALAVRAS DAQUI, DALI E DACOLÁ
mais informações www.descobrir.gulbenkian.pt

MÚSICA
19+00 - Anfiteatro ao ar livre
ORCHESTRE
POLY-RYTHMO DE
COTONOU / BENIN

www.orchestre.gulbenkian.pt / www.gulbenkian.pt
www.rythmofuturo.gulbenkian.pt / www.programafuturo.gulbenkian.pt

SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLA PARA O CONCERTO DE CHUCHO VALDÉS & THE CUBAN MESSENGERS. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

Adelino Gomes Jornalista Até ao dia da finitude

● Você era - porquê escrevê-lo, se até aos mais distraídos não escapou? - um homem de convicções. E porque tinha convicções, abraçou e fez-se paladino de causas.

Uma análise das que escolheu evidenciará essa característica tão saramaguiana que era a de pensar pela sua cabeça. Quero dizer com isto que não abraçou todas (penso na de Timor, por exemplo). E que abraçou com vigor algumas que podem intrigar (Chiapas), a dar talvez razão àqueles que dizem que Cunhal o achava demasiado esquerdista - apodo altamente ofensivo na boca de um ortodoxo.

Explicou-me um dia essa sua outra tão peculiar maneira de raciocinar, surpreendendo-nos com um inesperado (mas sempre consistente) novo ângulo através do qual olhava acontecimentos, ideias, obras. Chamou-lhe, nessa conversa que tivemos durante um ano (1997/8), na rádio pública, “o ponto de vista do galinheiro”.

A expressão traduz com felicidade um misto da sabedoria e da manhosice populares do seu modo de intervir no espaço público. E exhibe, ao mesmo tempo, o emblema que fazia questão de brandir como uma espécie de cartão de visita, logo que o seu nome começou a impor-se nos escaparates da literatura universal - as suas raízes camponesas.

Num dos múltiplos obituários que oficiaram jornalisticamente a sua morte, a *Visão* transcreve uma meditação sua, no dia em que fez 86 anos, sobre o sentido da comunicação. Por exemplo, do zumbido das abelhas no interior da colmeia. Ou sobre esse instrumento que usou como mestre, quer na comunicação oral, quer na escrita: “E as palavras? Aonde vão? Quantas permanecem? Por quanto tempo? E, finalmente, para quê?”

Por meu lado, nas páginas deste jornal, recordei no seu obituário uma entre tantas respostas que deixou cair, às vezes parecendo-me já enfiado com a minha

insistência sobre a morte e a vida, ou não, para além dela: “A finitude é o destino de tudo. O Sol, um dia, apaga-se.”

Sei que, nesta como noutras matérias, estulta se revela a ambição de determinar quem fica e quem sai dos panteões que os contemporâneos se afadigam em erguer às maiores certezas e às mais excelsas figuras do seu tempo.

Não podemos impor o futuro (e isso obriga-nos a moderar soberbas). Mas devemos dar testemunho. Por mim, José Saramago, sentindo o que senti ao lê-lo e ouvi-lo (e consigo discutir e discordar, nos privilegiados momentos que se seguiram às entrevistas que este jornal e a rádio pública me permitiram fazer-lhe); sabendo daqueles

milhares de pessoas que acorriam ao lançamento dos seus livros, às conferências que proferia aqui na Europa e nas Américas, para lhe beberem um discurso que era tão raro e sempre fascinante; não tenho dúvidas em responder à sua pergunta sobre o fim e o destino da palavra.

Até lá, à finitude do Sol que se apagará, enquanto a palavra

permanecer como instrumento inigualável de comunicação e de afirmação, arrisco-me a prever que leitores como nós, seus contemporâneos, continuarão atraídos por estas frases todas que cinzelou em histórias e nas ideias com que, desassossegando-nos, nos quis tornar mais conscientes, isto é, mais livres. E por isso lhe agradeço.

António Júlio Duarte Fotógrafo Mapa, Madrid, 2010



P
Público
20 anos

Colecção P-IQ - Passatempos de Verão

Verão é em geral sinónimo de férias, viagens, praia, descanso... Nada melhor do que aproveitar este tempo livre para exercitar a sua mente de modo a estar em grande forma na altura de voltar ao trabalho. A Colecção P-IQ - Passatempos de Verão traz-lhe 10 livros com dezenas de exercícios e jogos para resolver descontraidamente sem sequer ter de se levantar da sua cadeira de praia. Aproveite as férias e invista verdadeiramente em si.

96 páginas de passatempos. Não perca esta colecção, todos os sábados, com o PÚBLICO, por apenas mais 1,40 euros.



Seis tipos diferentes de desafios para as suas férias

Memória

É a capacidade que nos permite registar no cérebro as experiências e a informação que acumulamos ao longo da nossa vida. Os conteúdos são criados na memória a partir de um processo de aprendizagem, do qual podem fazer parte estratégias mnemónicas. A finalidade é praticar diferentes processos e técnicas de memorização para aumentar o rendimento da memória.

Enigmas

A mente funciona de uma forma global e os enigmas são parte essencial desta proposta. Incluímos enigmas tradicionais de origem grega, bíblicos ou populares; enigmas visuais, em que a ilustração que acompanha o enigma é parte fundamental da incógnita; enigmas matemáticos, para os quais se requer a utilização de operações de cálculo elementares; e enigmas actuais, que foram especialmente concebidos para esta colecção.

Percepção / Espaço

A visão é o sentido através do qual recebemos mais estímulos do exterior. Por este motivo, a observação e a percepção desempenham um papel fundamental nos programas de aprendizagem e desenvolvimento mental. Igualmente importante é a capacidade que se refere à organização do espaço. Esta aptidão está relacionada com a capacidade de compreensão e de desenvolvimento no espaço. A inteligência espacial desempenha um papel essencial nas tarefas artísticas, mecânicas e científicas.

Linguagem

É a linguagem que permite ao ser humano comunicar. Esta ferramenta também permite compreender e processar a informação que recebemos do exterior. É, por isso, uma capacidade básica para o conhecimento. A comunicação verbal diz respeito tanto à capacidade de compreender as mensagens como de produzi-las. Ainda que a linguagem seja, por si só, um processo mental complexo, é uma das competências que se desenvolve com maior facilidade.

Cálculo

O objectivo desta secção é exercitar a lógica matemática, isto é, os mecanismos utilizados na resolução dos problemas matemáticos. Basicamente, trata-se de fomentar o sentido prático da matemática que possa ser aproveitado no quotidiano. Por esta razão, não será necessário aplicar fórmulas matemáticas complicadas para encontrar a solução dos jogos. Basta utilizar de forma adequada as operações matemáticas básicas.

Raciocínio

É o mecanismo fundamental da inteligência, já que está presente em praticamente todas as actividades mentais. O raciocínio é um processo mental que serve para descobrir as regras, as relações ou os princípios que nos ajudam a compreender algo ou a resolver um enigma, por exemplo. Baseia-se nas regras da lógica, que consistem em estabelecer premissas, expor deduções e chegar a uma conclusão.

Memória



Observe as matrículas durante 1 minuto e memorize-as. Em seguida, e sem olhar, responda às perguntas que se encontram no fim da página.



ZX-773-JK

SB-642-EW

DS-032-NV

AZC-739-C

P-919-HCG

QW-823-SD

POI-45-FD

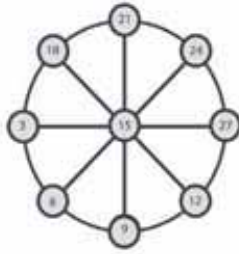
1. Quais os números da matrícula que acaba em JK?
2. Quantas matrículas são no total?
3. Há alguma matrícula que tenha um número capicua?

Raciocínio

A figura C. Na parte superior há um segmento de recta que desaparece alternadamente. Por baixo, as semicirculas vão desaparecendo da esquerda para a direita e de baixo para cima. A parte inferior da figura tem no lado esquerdo dois traços que aparecem e desaparecem alternadamente.



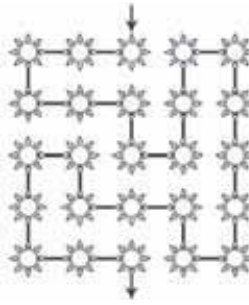
Cálculo



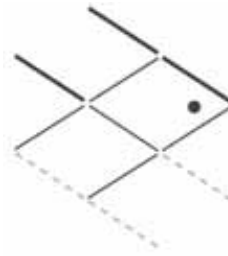
Linguagem

As palavras são:
 CADERNO
 ROLDANA
 SONANTE
 ESPERA
 CIRCUITO
 CABEÇA
 BEBIDA
 TESOURO
 GIRAFÁ
 ESTADO

Percepção/Espaço



Enigma



Memória

1. A matrícula que acaba em JK tem os números 773.
2. No total há 7 matrículas.
3. Há uma matrícula com um número capicua: a P-919-HCG.

Soluções



Qual destas figuras continua a série anterior?

Observe alternadamente a seguinte série.

Raciocínio

12, 27, 6, 9, 3, 18, 21, 24, 15

Coloque os seguintes números nos espaços vazios, de maneira que o resultado da soma dos três números ligados por uma linha seja 45.

Cálculo

Escolha uma sílaba de cada círculo para formar uma palavra. Os círculos estão por ordem, ou seja, no primeiro círculo estão as primeiras sílabas, no segundo, as segundas, e no terceiro, as sílabas finais.

Linguagem

Comence pela seta superior e siga até chegar à inferior, percorrendo todos os sóis. Não pode deixar nenhuma para trás nem passar duas vezes pelo mesmo sóil.

Percepção / Espaço

MUDANÇA DE SENTIDO

Consegue fazer com que o peixe nade na direcção contrária, deslocando apenas três paizinhos e mudando o olho?

Enigma

Mente sã... em corpo bronzeado

● Geralmente é lá pelos finais de Março, com a chegada da Primavera e dos primeiros dias de Sol, que começam a surgir as preocupações com a boa forma dos corpos. Se há quem aposte nas dietas, há também quem corra para os ginásios ou até quem opte por soluções mais extremas... Tudo para que quando pise a areia da praia o faça de modo mais confiante possível.

Se é importante não descurar

a forma física - de preferência ao longo de todo o ano -, cuidar da nossa mente é igualmente essencial. Por isso, porque não aproveitar a tranquilidade das férias para "puxar pela cabeça" e assegurar-se de que fica pronto para regressa ao trabalho da melhor maneira possível?

Com o objectivo de o ajudar exercitar a sua mente de forma descontraída e divertida, o PÚBLICO edita agora a colecção Colecção

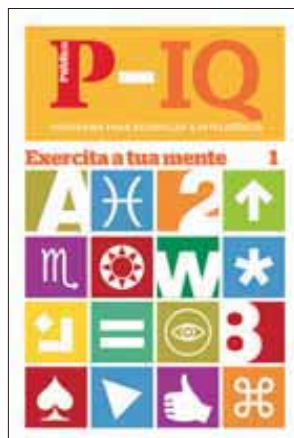
P-IQ - Passatempos de Verão (IQ é a sigla, em inglês, de Quociente de Inteligência). Ao todo são dez livros que apresentam cerca de 600 desafios com diferentes graus de dificuldade e que procuram estimular diferentes competências intelectuais. Sem sair da cadeira de praia, do sofá ou da rede, pode treinar a sua mente e aumentar o seu rendimento cognitivo.

Ao estimular a curiosidade, os

jogos de inteligência revitalizam o cérebro e ajudam a melhorar capacidades como a memória, a dedução, a agilidade e a concentração. A realização dos exercícios propostos implica a utilização em conjunto das faculdades de observação e interpretação, pensamento indutivo e dedutivo. Todas as competências cognitivas são convocadas para a resolução de um problema, de uma

incógnita ou de um desafio que põem à prova a nossa inteligência.

Aproveite a tranquilidade das férias, escolha o sítio e o momento ideal, muna-se de um lápis e uma borracha, de alguma paciência e de muita perspicácia e comece a resolver os jogos que lhe são propostos pelo PÚBLICO. Vai ver que treinar a mente pode ser muito divertido.



3 de Julho
1.º Livro



10 de Julho
2.º Livro



17 de Julho
3.º Livro



24 de Julho
4.º Livro



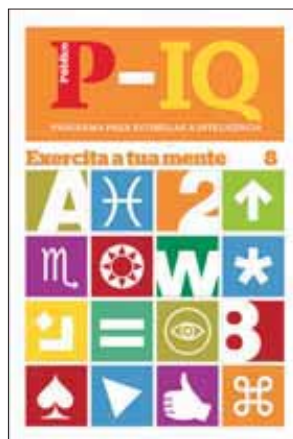
31 de Julho
5.º Livro



7 de Agosto
6.º Livro



14 de Agosto
7.º Livro



21 de Agosto
8.º Livro



28 de Agosto
9.º Livro



4 de Setembro
10.º Livro

8 dicas para resolver os desafios

Não tenha pressa

Aproveite um momento descontraído, em que não esteja sujeito a interrupções, para começar a exercitar a sua mente. Não se esqueça que esta tarefa exige uma certa motivação, tempo e esforço. Para obter melhores resultados os jogos não devem ser deixados a meio. Recomenda-se a resolução de, no mínimo, seis exercícios diários.

O espaço ideal

Está provado que o cérebro consegue um maior rendimento em condições onde existe ordem. Escolha ambientes tranquilos, cómodos e bem iluminados para

resolver os passatempos. Que tal uma cadeira de praia à beira mar, longe da multidão?

Não desanime

O objectivo é divertir-se na resolução dos passatempos. Não fique frustrado se não os resolver à primeira tentativa. Com descontração, optimismo, paciência e perseverança conseguirá resolver a maioria dos exercícios incluídos nos livros.

Diferentes inteligências

Não tente comparar os seus resultados com os de outras pessoas. Não temos todos o mesmo tipo de inteligência e os jogos que para si são simples para outra pessoa podem ser muito complicados ou vice-versa.

Também se aprende com os erros

Os erros também fazem parte da aprendizagem; por isso, não tenha medo de falhar. Seja persistente e se estiver com dificuldades em resolver um jogo experimente várias estratégias até encontrar a correcta.

Grandes desafios, grandes benefícios

Costuma dizer-se que sem esforço não há a verdadeira felicidade. Enfrente os exercícios mais complexos tendo em mente que a sua resolução o irá compensar em termos de satisfação pessoal e auto-estima. Para além de desenvolverem a inteligência, os jogos também ajudam a moldar a personalidade. É fundamental saber aceitar desafios e trabalhar com vista a alcançar objectivos a curto ou médio prazo.

A experiência é boa conselheira

Quanto mais exercícios resolver mais fácil serão os seguintes. Aproveite a sua experiência: quando começar um jogo, procure na sua memória jogos ou exercícios semelhantes que tenha efectuado anteriormente.

Tenha um lápis e borracha à mão

Muitos dos exercícios podem ser resolvidos no próprio livro. Recomenda-se a utilização de um lápis e de uma borracha, para poder corrigir os possíveis enganos. Também pode utilizar as páginas finais do livro dedicadas às notas.